



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

KRISTINA FAITH WEBER DE SOUZA

LEITORES LIVRES: A LEITURA LITERÁRIA NO PERCURSO ESCOLAR

FORTALEZA
2019

KRISTINA FAITH WEBER DE SOUZA

LEITORES LIVRES: A LEITURA LITERÁRIA NO PERCURSO ESCOLAR

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante

FORTALEZA
2019

Dados Internacionais de Catalogação Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S238l Souza, Kristina Faith Weber de.
Leitores Livres : A Leitura Literária no Percurso Escolar / Kristina Faith Weber de Souza.
– 2019.
94 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Lídia Eugenia Cavalcante.
1. Leitura Literária. 2. Biblioteca Escolar. 3. Bibliotecário Escolar. 4. Autonomia do Leitor.
5. Prazer da leitura. I. Título.

CDD 020

KRISTINA FAITH WEBER DE SOUZA

LEITORES LIVRES: A LEITURA LITERÁRIA NO PERCURSO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 04 / 12 / 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante - Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Bárbara Luísa Ferreira Carneiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ma. Laiana Ferreira de Sousa
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

VÔO LITERÁRIO

*Vamos quebrar a gaiola
que aprisiona o saber,
que nega o conhecimento
tão sutil da liberdade,
que amordaça a fantasia
que encanta a humanidade...*

*Abrir as portas do livro
pra que possamos voar,
ir além do infinito sobre as asas do sonhar,
Sobrevoar os jardins
respirando o ar das flores,
ouvir contos e romances
que nos falam de amores...*

*Vamos quebrar as gaiolas
que aliciam e nos calam,
que enclausuram a beleza
que os livros tanto falam...*

*Quero a riqueza contida
nos escritos mais diversos,
alçar vôos infinitos
na imensidão dos versos...*

*Quero a criatividade
sonora de um seresteiro,
cantarolar melodias
de um sonho verdadeiro...*

*Quero romper os grilhões e voar, voar...
Declamando poesias
com a imensidão do mar...*

*É impossível construir
o saber sem liberdade,
a palavra e o sonho
é o elo da verdade...*

*A leitura abre asas
em um vôo de acesso
que delimita o futuro
e enaltece o progresso...*

*A leitura abre janelas
para o espaço literário
e os leitores sobrevoam
um viés imaginário...*

*Há um néctar inconfundível
contido em cada história,
ler um livro é voar
com constância na memória!*

Autoria Elma Sales

*“De que lhe servirá a leitura se o
tiverem afastado dela para
sempre?”*

(Rousseau, 1999, p. 128)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar a alegria de concluir este curso.

Aos meus pais Ronald e Kathleen que desde cedo nutriram em mim o amor pela leitura e me motivaram a ser quem sou hoje.

A meu marido e companheiro de todas as horas, Julio que sempre me apoiou.

Aos meus filhos Nicole e Nathan que mesmo distantes, me incentivaram a não desistir e a minha filha Jessika pelos inúmeros momentos da minha ausência, estando frente ao computador.

Meus sinceros agradecimentos à professora Lidia Eugenia Cavalcante, pela orientação, paciência e compreensão ao longo dessa jornada.

As professoras Ma. Barbara Luísa Ferreira Carneiro, Ma. Áurea Montenegro Albuquerque Guerra e Ma. Laiana Ferreira de Sousa que aceitaram o convite para fazerem parte da banca de avaliação.

A todos os professores do Curso de Biblioteconomia pela convivência e aprendizado compartilhado. Em especial as Professoras Virgínia Bentes Pinto e Gabriela Belmont Farias que partilharam suas vivências valiosas durante a monitoria.

A Bibliotecária Paula Moreira, auxiliares Fabrícia, Nágila, Reviane e toda família do Cuca Mondubim que me receberam de braços abertos proporcionando aprendizado e vivências de estágio numa biblioteca dinâmica em todos os sentidos.

A todos os colegas da turma, por caminharmos juntos criando laços e memórias que perdurarão.

Aos demais colaboradores da UFC que sempre me trataram com respeito e foram de grande ajuda.

A amiga, escritora e poeta Elma Sales, por seu carinho em contribuir neste trabalho com o poema intitulado Voo Literário.

RESUMO

Apresenta a leitura como atividade dinâmica que integra o cotidiano permeado de múltiplos olhares e subjetividades. Descreve a relação singular do leitor com o texto e o processo de formação do leitor no ambiente escolar. Traz como justificativa principal o interesse pessoal e suas experiências e aponta também uma justificativa para os profissionais bibliotecários escolares. O intuito desta pesquisa é demonstrar a importância de inovar as formas e métodos do uso da leitura literária durante o percurso escolar dando liberdade para o aluno explorar curiosidades, interesses e gostos literários, nutrindo verdadeiro prazer pela leitura e os livros. Além disso, vislumbra a contribuição da biblioteca escolar nesse processo, bem como ressalta o trabalho do bibliotecário como agente mediador e colaborador no processo de ensino-aprendizagem. Utiliza a metodologia exploratória através da aplicação de questionários durante a XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará para identificar as práticas de leitura literária aplicadas nas escolas de ensino fundamental público e privado e se proporcionam uma leitura prazerosa e autônoma. A análise dos dados demonstra que apesar de reconhecerem a importância da biblioteca, grande parte dos alunos e professores não frequentam ou utilizam esse espaço. Além disso, confirma que a autonomia dos alunos na escolha das leituras literárias ainda é limitada e eventual. Conclui-se que a continuidade e consistência de ações de leitura que permitem a expressão das percepções do leitor de forma livre e autônoma durante o percurso escolar, produz cidadãos conscientes e capazes de transformar a realidade.

Palavras-chave: Leitura Literária. Biblioteca Escolar. Bibliotecário Escolar.

Autonomia do Leitor. Prazer da leitura.

ABSTRACT

Presents reading as a dynamic activity that integrates daily life permeated with multiple looks and subjectivities. Describes the reader's unique relationship with the text and the reader's education process in the school environment. Shows as main justification the authors personal interest and experiences as well as indicates a justification for the school librarian professionals. The purpose of this research is to demonstrate the importance of innovating forms and methods of the use of literary reading during the school journey giving freedom to the student to explore curiosities, interests and literary tastes, nourishing true pleasure for reading and books. In addition, it envisions the contribution of the school library in this process, as well as emphasizes the work of the librarian as a mediator and collaborator in the teaching-learning process. It uses the exploratory methodology through the application of questionnaires during the XIII International Book Biennial of Ceará to identify the literary reading practices applied in public and private elementary schools and provide a pleasant and autonomous reading. Data analysis shows that despite recognizing the importance of the library, most students and teachers do not attend or use this space. In addition, it confirms that the student's autonomy in choosing literary reading is still limited and occasional. It concludes that the continuity and consistency of reading actions that allow the expression of the reader's perceptions freely and autonomously during the school journey, produces conscious citizens capable of transforming reality.

Keywords: Literary Reading. School library. School Librarian. Autonomy of the Reader. Pleasure of reading.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Escolas com Biblioteca	54
Gráfico 2 - Escolas Públicas com Biblioteca	55
Gráfico 3 - Escolas Privadas com Biblioteca	55
Gráfico 4 - Frequência dos Alunos a Biblioteca	56
Gráfico 5 - Participação em Atividades na Biblioteca	57
Gráfico 6 - Importância da Biblioteca na Formação do Leitor na Escola Pública	60
Gráfico 7 - Importância da Biblioteca na Formação do Leitor na Escola Privada	61
Gráfico 8 - Autonomia dos Alunos na Escola Pública	63
Gráfico 9 - Autonomia dos Alunos na Escola Privada	64
Gráfico 10 - Como Alunos da Escola Pública veem a Leitura	65
Gráfico 11 - Como Alunos da Escola Privada veem a Leitura	66
Gráfico 12 - Incentivo dos Professores ao Uso da Biblioteca na Escola Pública	67
Gráfico 13 - Incentivo dos Professores ao Uso da Biblioteca na Escola Privada	68
Gráfico 14 - Uso da Biblioteca Escolar pelos Professores nas Escolas Públicas	70
Gráfico 15 - Uso da Biblioteca Escolar pelos Professores nas Escolas Privadas	71
Gráfico 16 - Incentivo dos Professores ao Uso da Biblioteca	74
Gráfico 17 - Autonomia dos Alunos na Escolha Literária	75
Gráfico 18 - Parceria dos Bibliotecários com Professores	79
Gráfico 19 - Usuários da Biblioteca Escolar	80
Gráfico 20 - Como Bibliotecários veem a Leitura	81
Gráfico 21 - Incentivo dos Professores	82

Gráfico 22 - Autonomia dos Alunos Na Leitura	83
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantidade de Questionários Respondidos	51
Quadro 2 - Comparativo entre Escolas Públicas e Privadas: A Leitura Como Forma de	64
Quadro 3 - Comparativo entre Escolas Públicas e Privadas: A Leitura Como Forma de	75

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR	19
2.1	A leitura como parte do cotidiano	21
2.2	As relações entre leitura e leitor	23
2.3	A Leitura na perspectiva pedagógica	25
3	A BIBLIOTECA ESCOLAR E A MEDIAÇÃO DA LEITURA	29
3.1	Mediação da leitura	31
3.1.2	<i>Mediação da leitura literária</i>	33
3.2	A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem	35
3.3	Práticas de leitura na biblioteca escolar	39
4	O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR	43
4.1	O Perfil do Bibliotecário-educador	44
4.2	O Perfil do Bibliotecário-leitor	46
5	METODOLOGIA	49
6	ANÁLISE	52
6.1	Olhar da perspectiva do Aluno	52
6.2	Olhar da perspectiva do Professor	68
6.3	Olhar da perspectiva do Bibliotecário	75
7	CONCLUSÃO	84
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICES	92

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um processo que se inicia antes da aprendizagem formal e se prolonga no tempo, ao longo da vida. Do simples prazer de ouvir ler na primeira infância, a criança vai gradualmente percorrendo um itinerário, o do leitor, constituído por várias etapas. A literatura e a leitura em geral assumem uma função muito mais ampla do que mero ornamento, pois pode ser "ponte" para a compreensão do mundo, mas isto tem de ocorrer pelo gosto, não por imposição.

Sendo a instituição que recebe a incumbência de ensinar a ler, a escola em suas práticas leitoras, ainda tem interpretado esta tarefa de modo mecânico e estático. Dota as crianças do instrumental necessário e automatiza seu uso, confundindo a leitura com a aquisição de um hábito. A instituição de ensino, por vezes, deixa de cumprir sua tarefa educativa de transformar o alfabetizado em leitor, afastando-o dos livros e criando um sentimento hostil, esquecendo de focar em experiências didáticas da literatura. Em virtude disso, é necessário enfatizar o valor da leitura como processo para aquisição de conhecimento, mas, também, de dar sentido ao objeto através do qual ela se concretiza: a obra literária.

Na interação da criança com a obra literária está a riqueza dos aspectos formativos nela apresentados de maneira fantástica, lúdica e simbólica. A intensificação dessa interação, através de procedimentos pedagógicos adequados, conduzirá a criança a uma maior compreensão do texto e a uma compreensão mais abrangente do contexto.

Uma obra literária é aquela que mostra a realidade de forma nova e criativa, deixando espaços para que o leitor descubra o que está nas entrelinhas do texto. A leitura age como mediadora entre cada ser humano e seu presente, exigindo uma participação ativa do receptor, onde ambos encontram-se comprometidos e entrelaçados.

Dentre os resultados da 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil em 2015, destaca-se o aumento da importância dos livros lidos por iniciativa própria em relação aos indicados pela escola, mesmo entre os estudantes. A média geral de livros lidos por ano é 4,96 sendo que quando se trata dos livros de Literatura, a média não perfaz dois livros (1,26) e quando recomendados pela escola, não se alcança sequer um livro (0,42). (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016, p. 70).

Gostar de ler é mais característico das crianças menores (mesma proporção encontrada para “gostar um pouco”), sendo que os adolescentes e adultos declaram em maior proporção que gostam um pouco de ler, indicando uma mudança importante na relação com a leitura a partir do ingresso no Ensino Fundamental II - Anos Finais. Tendo em vista o contexto acima, faz-se a seguinte indagação: *será que o processo de aquisição do gosto literário tem um rompimento no segundo ciclo do Ensino Fundamental?*

Para mais da metade de crianças e jovens brasileiros, a biblioteca escolar é o principal lugar de acesso aos livros. No entanto, das 181.939 escolas de todo o país, **apenas 45% têm biblioteca** (INEP, 2018). Na rotina escolar, a biblioteca tem sido pouco explorada, tanto em relação ao espaço e acervo quanto à sua utilização pedagógica pela escola, são exceções os poucos professores que utilizam a biblioteca com seus alunos.

Considera-se que a leitura é fundamental para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, principalmente durante a idade escolar, pois está diretamente relacionada ao aprendizado, construção do conhecimento e raciocínio. É imprescindível que as bibliotecas escolares exerçam seu papel com seriedade, valorizando a leitura e favorecendo a formação de leitores autônomos, críticos e responsáveis através do estímulo à leitura prazerosa, que propicia uma gama infinita de possibilidades.

A leitura é uma atividade complexa que integra o cotidiano trazendo consigo as subjetividades do leitor (VERSIANI, YUNES e CARVALHO, 2012; JOUVE, 2002). A mediação se constitui numa interação dialógica que leva o leitor a misturar sua voz com sua leitura e construir seu próprio discurso. (ALMEIDA JUNIOR, 2009; BORTOLIN, NETO e SILVA, 2015) A biblioteca deveria incentivar, estimular, fomentar ou despertar a prática e o gosto pela leitura, desempenhando papel ativo na formação do leitor (RANGEL, 2009). A leitura, e por extensão a biblioteca, é vista como capaz de contribuir para a formação de indivíduos autônomos e críticos através de práticas literárias desenvolvidas pelo bibliotecário escolar. (CAMPELLO, 2003; BICHERI e ALMEIDA JUNIOR, 2013)

A principal justificativa desse trabalho possui um caráter pessoal em relação as experiências vivenciadas pela autora enquanto aluna do ensino fundamental no sistema educacional Americano, onde a Biblioteca e o Bibliotecário escolar tiveram um papel imprescindível na formação como leitora deixando marcas

inesquecíveis e contribuindo para quem sou hoje. As práticas de leitura realizadas despertavam a curiosidade e interesse individual, permitindo que cada aluno tivesse a liberdade de escolher o título que lhe interessava e a forma de expressar suas impressões tornando a leitura prazerosa e construindo uma base sólida para formação de cidadãos críticos.

Ao deparar-se com o sistema aplicado na maioria das escolas Brasileiras durante o percurso dos estudos dos filhos da autora, houve uma inquietação contínua e crescente. As práticas de leitura na escola pareciam engaiolar os alunos ao impor uma leitura pré-determinada e avaliações objetivas com respostas condicionadas. Outro questionamento tratava da eficácia e influência positiva no hábito de leitura durante o percurso escolar, bem como da participação direta do Bibliotecário nesse processo. Houve um sentimento de profunda tristeza em perceber que esse momento carrega consigo um sentimento pesado de fardo a ser cumprido, ao invés de uma leveza de um momento prazeroso que estimula novas descobertas.

Outra justificativa significativa trata-se da perspectiva profissional do Bibliotecário no ambiente escolar e sua formação durante a graduação. Mesmo com o avanço crescente de novas oportunidades de atuação do Bibliotecário no mercado de trabalho, a Biblioteca na instituição de ensino, independentemente de ser nível fundamental, médio ou universitário de rede pública ou privada, continua sendo um potencial alvo de desempenho na execução de suas atribuições como mediador na aprendizagem e no acesso à informação. É evidente que as escolas detêm hoje um dos campos mais numerosos de oportunidade profissional para os Bibliotecários, haja visto que o prazo para efetivação da Lei 12.244/10 está se aproximando. Dessa forma, acredito que também deveria ser uma preocupação do Curso de Biblioteconomia, oferecer meios para formação do perfil desse profissional, haja visto que em toda grade curricular, só encontramos uma disciplina optativa que aborde a Biblioteca escolar.

A leitura literária torna-se um instrumento de lazer, fato este que não anula a importância e a capacidade de aquisição de conhecimento através dos livros. Pelo contrário, mostra que quando apresentada de forma lúdica e instigante, o ato de ler consegue expandir os limites esperados. Atua simultaneamente como uma forma de desenvolver o conhecimento intelectual, a criticidade, e, principalmente, a capacidade de sentir prazer ao ler.

Refletindo sobre as práticas de leitura literária exercidas de forma geral nas escolas de ensino fundamental, levanta-se a seguinte questão: ***Como a leitura literária realizada durante o percurso escolar influencia na formação do leitor e na sua relação com o ato de ler?***

O objetivo geral deste trabalho é avaliar como as práticas de leitura literária, aplicadas nas escolas de ensino fundamental público e privado contribuem para a formação de leitores críticos, bem como se proporcionam leitura prazerosa e autônoma. Nesse sentido, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as atividades e práticas de leitura desenvolvidas na sala de aula e na biblioteca escolar;
- b) Verificar como se dá a participação do bibliotecário escolar no processo de mediação da leitura;
- c) Averiguar a importância da biblioteca escolar para professores e alunos;
- d) Verificar se há ações conjuntas entre a biblioteca escolar e as práticas docentes em sala de aula;
- e) Conhecer o que pensam os leitores sobre a leitura literária realizada na escola para desenvolver o prazer de ler.

Pretende-se refletir sobre a necessidade de desenvolver práticas criativas de incentivo à leitura literária durante o percurso escolar que permitem ao leitor expressar suas percepções de forma livre e autônoma, incentivando-o a pensar, refletir e criar. Dessa forma tornando-os cidadãos conscientes e capazes de transformar a realidade que os cerca através do conhecimento.

Para isso, é importante que durante o percurso escolar haja uma ação colaborativa dos professores e bibliotecários em alinhar esforços para construção do conhecimento e formação de leitores; tendo cuidado de manter a crítica e flexibilidade para atender à individualidade e ao coletivo sem discriminar determinados gêneros literários. A leitura deve ser realizada de forma dinâmica, atraente e interativa, fomentando o gosto e o interesse pela leitura.

A pesquisa foi realizada no período de **16 a 25 de agosto de 2019** por ocasião da **XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará**, maior evento de livro, leitura e literatura do Estado, realizada em Fortaleza no Centro de Eventos do Ceará. O público alvo abrangeu alunos e professores do ensino fundamental II (6^o-9^o anos), bem como bibliotecários atuando em bibliotecas escolares.

O título da pesquisa, **Leitores Livres: A Leitura Literária no percurso escolar** surgiu da expressão alegórica vislumbrada em relação aos sentimentos da autora quanto a forma com que a leitura influencia o aluno durante o percurso escolar. Concebe o sistema educacional e as escolas como 'gaiolas' que aprisionam o saber, e a importância dos professores e bibliotecários escolares propiciarem através da leitura oportunidades para que os alunos possam alçar voos infinitos na imensidão do espaço literário. Anseia pela formação de leitores livres para pensar, criar e agir com autonomia e criticidade.

Ao todo, o trabalho está dividido em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais, podendo ser especificado da seguinte maneira: três capítulos dedicados ao referencial teórico, um dedicado a metodologia da pesquisa, um abrangendo a análise dos dados obtidos, e, por fim, o capítulo que trata da conclusão do trabalho.

No segundo capítulo, **A Leitura e a Formação do Leitor**, a leitura é apresentada como uma construção contínua e dinâmica que contribui na formação do leitor. Descreve os diferentes tipos de leitores que têm evoluído ao longo do tempo, adequando-se a realidade do mundo que os cerca.

A Biblioteca Escolar e a Mediação da Leitura, o terceiro capítulo, aborda a mediação da leitura como meio de interação entre o leitor, o texto e o outro. Apresenta a leitura literária como ferramenta que utiliza a literatura no contexto do lazer para despertar a imaginação, afetividade, e raciocínio para a formação crítica do indivíduo. Aponta a biblioteca escolar como recurso essencial no processo de ensino-aprendizagem através da realização de práticas leitoras que promovam múltiplos letramentos, tornando o ato de ler uma prática social e cultural.

O quarto capítulo, **O Bibliotecário Escolar e a Formação do Leitor**, ressalta o papel indispensável do bibliotecário escolar para construção do conhecimento e transformação social, oportunizando o acesso à informação e desenvolvendo atividades de incentivo à leitura, subsidiando a formação de leitores críticos, autônomos e atuantes na sociedade. Destaca dois aspectos primordiais do bibliotecário escolar: o educador, que colabora no processo de ensino/aprendizagem, e o leitor, que incentiva a leitura através do exemplo e se estende e aperfeiçoa através da educação continuada.

No quinto capítulo, tem-se a metodologia utilizada na construção do trabalho, que foi realizada através do método exploratório com caráter quali-

quantitativo, com aplicação de questionários a três grupos distintos: **alunos, professores, e bibliotecários escolares.**

O sexto capítulo apresenta os dados gerados e as análises construídas, além da relação entre as respostas dos participantes e as questões apontadas no referencial teórico.

Por fim, apresentamos a conclusão, que trazem reflexões decorrentes da pesquisa.

2 A LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Ao falar sobre leitura, é fundamental revelar o sujeito por trás dessa ação: o leitor. Dessa forma, ao refletir sobre o ato de ler, torna-se imprescindível considerar o leitor como foco principal levando em conta seus desejos, anseios, saberes, vivências e necessidades. Pode-se dizer que, na prática, ler é uma ação realizada sempre por alguém com gostos e hábitos específicos que possuem formas, lugares e circunstâncias únicas. Sousa (2019, p. 127), afirma que “ao praticar a leitura, [o leitor] age sobre aquilo que compreende, misturando percepções, opiniões, memória e experiências na construção de uma teia de significações.”

Para que a leitura integre o cotidiano, é preciso reconhecer que ela sempre irá refletir as circunstâncias e o contexto em que o sujeito está inserido. Sem esquecer que tanto o indivíduo quanto o mundo a sua volta estão em constante mutabilidade e afetam diretamente sua leitura. (VERSIANI, YUNES E CARVALHO, 2012, p. 151-153)

Ao pensar a leitura e a formação de leitores deve-se considerar os diferentes públicos, com suas particularidades: idade, nível de alfabetização e contato com a leitura, por exemplo. Também, é necessário compreender que existem vários tipos de leitores. Os leitores que são amantes dos livros e carregam consigo hábitos e valores desenvolvidos mediante o convívio e exemplo da família; os leitores mecânicos (utilitários) que leem por necessidade e não enxergam a potencialidade de expandir seus horizontes através da leitura; e os não leitores, que por motivos alheios ou não a sua vontade, não se apropriam dessa prática. Independentemente do tipo de leitor, é preciso reconhecer o valor de cada um e as diferentes possibilidades de leitura que podem compartilhar.

A prática social da leitura passou e continua passando por inúmeras transformações; nem sempre se leu como hoje se lê e talvez nem se leia no futuro como se lê no presente. Lucia Santaella (2014) defende a existência de quatro tipos de leitores que diferem de acordo com seus modos de ler, seus objetos de leitura e espaços onde são realizadas as leituras.

O leitor contemplativo ou meditativo desprende de aptidões singulares; ele não precisa do auxílio do outro. Sua leitura é isolada, silenciosa e sucessiva, pois depende dele a sequência de sua leitura. Ser responsável pela leitura proporciona a capacidade de ler e reler inúmeras vezes e da forma que melhor lhe agrada, sem restrições. “Esse tipo de leitor tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis,

localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras.” (Op., cit. p. 31).

O leitor movente ou fragmentado surgiu em meio às grandes metrópoles com avanço das tecnologias, num mundo onde a imagem foi se ajustando a novos ritmos que passam de um estado fixo para um móvel. Ele é “leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo.” (Op., cit. p. 30).

Com a navegação no ciberespaço que ultrapassa as barreiras do tempo e espaço, surge o leitor imersivo ou virtual, que possui novas formas de percepção e cognição. Ele “[...] busca, encontra, relaciona, associa e compara fragmentos de informação com uma velocidade inusitada, compondo e interpretando uma mensagem intersemiótica, composta de elementos sonoros, visuais e textuais.” (Op., cit. p. 31).

O leitor ubíquo é aquele que lê a todo tempo e em qualquer lugar, entrelaçando a mobilidade física e a virtual. Ele é “[...] capaz de processar, paralela e conjuntamente, informações de ordens diversas, dando a elas igual magnitude, tanto as informações que provêm da situação ao seu redor quanto aquelas miniaturizadas que estão ao alcance dos dedos [...]” (Op., cit. p. 35).

A multiplicidade de leitores é vasta, cada um tendo características específicas que o tornam único. Cada tipo de leitor traz sua contribuição para a formação do leitor “provido de habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e cada vez mais ricas.” (Op., cit. p. 36). Diante da incessante mutação destes leitores gerados pelo avanço tecnológico e as atuais tendências, torna-se necessário a criação de estratégias de integração destes leitores, em que eles se entrelaçam e complementam um ao outro.

Descobrir a leitura é um longo processo permeado de subjetividades. Formar leitores é, portanto, auxiliar indivíduos na trajetória de descobertas, aguçando o gosto pela leitura e o prazer em conhecer a si mesmo e aos outros, lendo. “Como a montagem de um quebra-cabeças vai se formando, aos poucos, um leitor capaz de [ter] diversos olhares sobre o mundo que o cerca.” (VERSIANI, YUNES E CARVALHO, 2012, p. 151-153).

Cavalcante (2019, p.4) afirma que “O leitor se constrói ao longo de sua vida”, pois envolve processo contínuo e dinâmico, através do desenvolvimento de práticas leitoras educativas e críticas em que o leitor se reconhece, revisitando

memórias afetivas de experiências vividas que estimulem a construção de sentidos. Essa ação permite que o leitor se aproprie do conhecimento com liberdade e autonomia provocando uma transformação que reverbera na comunicação e partilha social e cultural entre os sujeitos.

2.1 A leitura como parte do cotidiano

A prática da leitura está presente em nossa vida desde o nascimento, quando abrimos os olhos para o mundo, e através dos sentidos percebemos tudo o que está a nossa volta. Cada detalhe, cor, sabor, som e impressão contribui no processo de identificação e significação particular da realidade. O conjunto dessas experiências é que estimula a busca por outros saberes e vivências capaz de construir um sujeito único baseado nas influências subjetivas e objetivas desenvolvidas no ato de ler.

Segundo Nogueira e Silva (2016, p. 23), a leitura

[...] implica um processo de interpretação, apropriação e ressignificação que transforma o indivíduo e a sua relação com o todo. Ler, em um sentido amplo, ocorre o instante em que se abrem os olhos para o mundo. Enquanto recém-nascido, a intensidade da luz e os movimentos a volta não fazem muito sentido, assim como as formas das coisas. Aos poucos a visão vai sendo treinada para identificar, classificar e reutilizar esse conhecimento sobre as coisas vistas.

Antes mesmo de aprender a ler e escrever, a criança realiza várias leituras em seu cotidiano. É o que Paulo Freire (1989, p. 9) concebe quando afirma, em sua célebre frase: “a leitura do mundo, precede a leitura da palavra”. Percebemos que a leitura possui ampla dimensão, indo além da decodificação, pois ela envolve a ressignificação de si mesmo e do mundo. Independentemente de sua forma, lugar ou tempo estamos sempre acumulando nossa bagagem intelectual envolvendo conhecimentos e ações que vão sendo adquiridas, vividas e construídas através de nossas leituras de mundo. Seu caráter é dinâmico, visto que ao longo do tempo muda, se transforma e molda nosso pensar e agir.

Segundo Versiani, Yunes e Carvalho (2012, p. 17),

Todos aprendemos a ler lendo o mundo à nossa volta. Lemos na natureza o tempo que vai fazer; ou em que estação do ano estamos; lemos nos rostos e gestos dos que nos cercam se estão felizes, tensos, tristes, irritados; lemos sinais, placas, imagens; lemos cores, sons; usamos nossos cinco sentidos no

ato de ler o mundo e somente por isso, um dia, aprendemos a ler a palavra escrita.

Nossos sentidos trabalham juntos para nos dar uma visão ampla de nossas experiências. Os cinco sentidos da audição, tato, visão, paladar e olfato são os principais meios que usamos para adquirir novos conhecimentos. Raramente experimentamos com um único sentido. A aprendizagem ocorre quando a mente é capaz de reunir informações de todos os sentidos e fazer uma conexão com as experiências passadas. Ao utilizar muitos sentidos no processo da leitura cotidiana, obtém-se uma compreensão de mundo mais significativa e autônoma.

Ao adentrar o universo da escola, a criança é motivada desde os anos iniciais, por seus professores, a desenvolver o gosto pelo texto literário, com diversas estratégias de leitura, tendo a ludicidade como um componente eficaz e encantador para o despertar do mundo dos textos. À medida que crescem, novos gêneros textuais são apresentados, nas rodas de leitura, nas visitas às bibliotecas, nos projetos interdisciplinares, os quais intencionam fazer uma base segura do aprendiz com a literatura.

Na segunda etapa do ensino fundamental ocorre uma mudança significativa dos objetivos no ensino da literatura, quando o aluno é inserido em um contexto menos lúdico, e a literatura adquire um caráter formativo, proporcionando não apenas o prazer de ler qualquer gênero textual, mas preparando o educando para o desenvolvimento da criticidade leitora. Dentro desta leitura, o trabalho com a literatura não se exime apenas ao professor de língua portuguesa, mas assume um caráter interdisciplinar, envolvendo as demais áreas do conhecimento.

Considerando que a metade da vida se constrói nos ambientes educacionais, a sala de aula é o palco cotidiano dessa aprendizagem. Neste diálogo, o ensino da literatura exige comprometimento dos mediadores envolvidos e procedimentos didático-pedagógicos que conduzam o leitor ao entendimento de que sem a aquisição do prazer de ler, não há sucesso na escolarização, e que se faz necessário uma busca pelo conhecimento para além da escola.

Para Jouve (2002, p. 17) “a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções” e é um processo que possui cinco dimensões. A primeira se trata de um processo *neurofisiológico* que utiliza o aparelho visual bem como diferentes funções cerebrais numa atividade de percepção, identificação e de memorização dos signos. A segunda dimensão vê a leitura como um processo

cognitivo, que requer competências do leitor para interpretar e compreender a leitura. A terceira dimensão envolve um processo *afetivo*, que Jouve (2002) rotula como o “charme da leitura” onde as emoções que suscita no leitor o fascinam, prendendo seu interesse ao que lê. A quarta dimensão é um processo *argumentativo*, onde o autor procura persuadir o leitor e fazê-lo simpatizante de suas ideias, entretanto permite que o leitor interaja com o texto expondo sua posição. A quinta dimensão compreende um processo *simbólico* que apresenta pluralidade de sentidos através do envolvimento do texto com o mundo do leitor, com sua cultura e com seu meio. Cavalcante (2019) acrescenta, ainda, uma sexta dimensão à leitura, um processo *crítico* em que o leitor questiona, reflete e analisa o texto sob um olhar acurado.

Os processos de significação de leitura abordados por Jouve são interligados e dependentes, pois caminham progressivamente de maneira que um completa o outro. Elas possibilitam uma compreensão da relação texto-leitor como algo dinâmico, receptivo e ativo concomitantemente. Um texto transmite uma mensagem, mas também apresenta, entre outros fatores, a intensidade da leitura, a experiência de vida, onde o leitor tem a oportunidade de atribuir às palavras o sentido por ele conhecido e de estabelecer conexões entre o que leu e sua própria experiência subjetiva.

2.2 As relações entre leitura e leitor

O processo de leitura de mundo, do cotidiano, das pessoas, e das relações sociais é resumido por Sousa (2019) em uma palavra, experiência. Sua origem, vem do latim *experiri* (provar) e é literalmente o que acontece quando provamos algo. Cada experiência proporciona sentimentos e sensações que se transformam em memórias que nos permeiam e revisitam através das lembranças no decorrer da vida.

Essas experiências vividas colaboram na formação do sujeito de forma consciente ou inconsciente e permitem o desenvolvimento de uma relação pessoal do leitor com a leitura. De acordo com Sousa (2019) existem três tipos de relações:

[...] uma relação de dependência, pois, através dela, tornamos possível a comunicação interpessoal, mecanismo fundamental para convivência social; uma relação de acesso à informação, ao conhecimento e à sabedoria; e outra relação guiada pelo prazer da leitura literária composta por significados e sentimentos particulares. (SOUSA, 2019)

Estas relações são construídas ao longo do tempo e ocorrem de forma espontânea conforme a necessidade do leitor. Cada uma delas serve como agente motivador da leitura que possibilita diálogo, agrega conhecimento ou facilita o deleite e enriquecimento pessoal.

A leitura necessita possuir uma relação direta com o leitor, onde a afetividade e emoções trazem o indivíduo para dentro da história, que por sua vez toma para si toda a aventura contida nela, identificando-se e utilizando-se dela para resolver seus conflitos e inquietações. Barreto (2016) afirma que,

[...] o indivíduo é transportado para outra realidade, onde encontra o reflexo de suas próprias vivências ou pode satisfazer suas curiosidades mais íntimas. Através dela, ele pode viver passado, presente e futuro. (BARRETO, 2016. p.18)

Desta forma, o aprender ganha significado mais forte. O educando deixa de ser agente passivo e torna-se protagonista, enxergando-se na história e ditando seu ritmo. Bragatto Filho (1995, p. 14) enfatiza que,

Ao se identificarem com o texto, entregando-se ao mesmo ou ao discordarem dele, propondo novas e diferentes leituras, elegem infinitas possibilidades de funções ao texto literário: com ele, aprende-se, reflete-se, compara-se, discerne-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se cultura e se tem contato com as mais diferentes visões de mundo.

A relação de entrega do leitor com o livro está repleta de nuances particulares que nutrem e constroem uma experiência única e intransferível, dando oportunidades infinitas para sua compreensão e aprendizagem do mundo e de si mesmo. Da mesma forma, a decodificação das letras e palavras, desencadeia a curiosidade associada à necessidade que o leva a ler. Independentemente de ser na escola ou em casa, esse processo possibilita descobertas que são incorporadas nas práticas e gestos do cotidiano.

O texto literário guarda saberes sobre o mundo e exerce um papel importante na construção dos conceitos de identidade e alteridade:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2014, p. 17).

Colabora para a ampliação das formas de se conceber e se comunicar com o mundo, além de favorecer a compreensão leitora.

A relação do leitor com a leitura é permeada por sentimentos e sensações que a tornam prazerosa ou não. Quem nunca viu o brilho no olhar da criança ao soletrar suas primeiras palavras, ou a euforia do adolescente ao descobrir algo novo por meio da leitura, mesmo que seja leitura de mundo? Martins (1994 apud NOGUEIRA e SILVA 2016, p. 24), destaca que a leitura é “a necessidade se transformando em esforço para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê.” A liberdade do leitor em escolher a leitura propicia uma prática de fruição motivada pelo desejo e conseqüentemente uma sensação de prazer.

2.3 A formação do leitor na perspectiva pedagógica

Sendo a escola um ambiente que contribui para aquisição da leitura, também partilha da responsabilidade de formar leitores, dada a importância da leitura na vida social e escolar dos indivíduos. É na escola que grande parte dos alunos terá seu primeiro contato e, em muitos casos, o único com a literatura. Por isso, a leitura é habitualmente associada à escola, visto que “tornar o indivíduo hábil no processo de ler e escrever, a fim de desempenhar determinados papéis na sociedade, tem sido a função da escola desde sua criação.” (MAIA, 2007, p. 30, apud BLATTMANN, 2016, p. 147)

Nos primeiros anos do ensino fundamental I (1^o- 5^o ano), as crianças são apresentadas ao livro e estimuladas à leitura através de atividades lúdicas que encantam esse momento permeado de novas descobertas. Normalmente elas gostam de ler, ouvir e contar histórias. Entretanto, com o avanço para o ensino fundamental II (6^o- 9^o ano), percebe-se uma mudança radical quanto ao interesse pela leitura que diminui progressivamente se estendendo aos anos escolares finais e que muitas vezes reverbera em atitudes e comportamentos que carregam ao longo de suas vidas.

Por muito tempo, a relação da escola com a leitura tem se caracterizado por um sentido de “mão única”, onde o aluno se torna mero receptor da informação, sem a possibilidade de contribuir no processo de construção do conhecimento. Nesse sistema, o professor é responsável por simplesmente repassar o conteúdo.

Segundo Campello (2002, p. 11)

A escola não pode mais contentar-se em ser apenas transmissora de conhecimento que provavelmente, estarão defasados antes mesmo que o aluno termine sua educação formal; tem de promover oportunidades de aprendizagem que deem ao estudante condições de aprender a aprender, permitindo-lhe educar-se durante a vida inteira.

A educação e o papel da escola na sociedade atual têm passado por muitas mudanças, principalmente no contexto da era digital. Com a atual facilidade de acesso à informação e o leque infinito de textos disponíveis, torna-se relevante que a escola se adeque à realidade, incorporando novas práticas que auxiliem na formação de leitores que não só absorvem a informação, mas a transformam criticamente em conhecimento e aplicam em sua vida, permitindo uma prática ampla de leitura onde poderão aprender a ler, lendo.

A leitura precisa estar presente em todo o processo pedagógico e não se restringir às disciplinas de língua portuguesa ou à biblioteca. É imprescindível que haja uma ação colaborativa de todas as instâncias da instituição, diretoria, equipe pedagógica, professores, bibliotecários e demais colaboradores para desenvolver um projeto de formação de leitores, onde a leitura esteja para além de uma mera reprodução mecânica de atividades.

Conforme Colomer e Camps, (2002, p. 31-32):

[...] ler é mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor [...].

Existem duas principais modalidades de textos utilizados na escola: os de leitura literária e os de conteúdos formais das disciplinas. Ambos têm sua relevância, entretanto, devem ser abordados de forma que não descaracterizem sua essência e finalidade. O texto não literário, inclui textos de cunho didático cuja função é ensinar e informar de modo objetivo a respeito de algo. Através deles, os alunos encontram respostas a questões cotidianas das disciplinas e trazem para discussão temas contemporâneos, que estão na mídia e que permeiam o contexto social. Dessa forma, a leitura torna-se próxima, rotineira e incorporada à vida do aluno. Por outro lado, o texto literário é um texto artístico, estético, poético e de fruição que utiliza linguagem figurada e instiga a imaginação e percepção do real em suas múltiplas significações propiciando uma leitura mais prazerosa. (SILVA, 2015, p. 496-497)

A maior parte das atividades de leitura realizadas em sala de aula na escola utiliza a leitura de textos dos livros didáticos, o que se acredita não formam leitores amantes da leitura. Isso porque grande parte de textos dos livros didáticos, apesar de retirados de obras literárias, são fragmentados e não representam a completude da obra em sua significação. O texto está fora do contexto e não é capaz de emocionar o leitor como uma obra literária que fala à alma, inteligência e à imaginação.

Segundo Azevedo (2003),

[...] textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, têm seu sentido e seu lugar, mas **não formam leitores**. É preciso que, concomitantemente, haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva. (AZEVEDO, 2003, p. 4, grifo nosso)

As leituras poéticas e ficcionais possibilitam experimentar verdades que são inconcebíveis no mundo real. Elas nos permitem ultrapassar as barreiras do tempo e espaço, vivenciar sensações e sonhos inimagináveis, e incorporar personagens desejados, propiciando a construção de sua própria história. Dessa forma, torna o ato de ler tão significativo que a transforma em um encontro sagrado, possibilitando voar alto e viajar para o infinito e além, proporcionando uma sensação de prazer que permeia seu cotidiano. (D'AVILA e FACHIN, 2016)

As atividades tradicionais de leitura em sala de aula são sempre acompanhadas de perguntas sobre o texto, uma das únicas formas de avaliação da compreensão de leitura, com o objetivo de verificar a concepção de significado que o autor do livro didático tem sobre o texto, não permitindo a discussão em sala de aula sobre as impressões pessoais dos alunos com relação ao que leram.

As estratégias utilizadas na formação do leitor, na sua grande maioria são atreladas a uma prática avaliativa que reforça os resultados e não o processo de leitura do aluno. Dessa forma, o leitor se adequa a imagem criada pela escola, tornando-se um leitor ouvinte, que silencia a si mesmo e se torna mero receptor/espectador da leitura do outro. Essa perspectiva estática do texto,

[...] parece entender que a linguagem está previamente pronta, acabada. Não há nada para se discutir e o leitor apenas consome o que lhe é oferecido, sem digerir e transformar, desempenhando papéis e ocupando lugares já estabelecidos. (RANGEL, 2009, p. 138)

Por conseguinte, se instaura um “modelo ideal”, onde a escola autoriza o leitor a identificar apenas um único sentido do texto, afastando a pluralidade e induzindo a uma compreensão passiva, ao invés da compreensão ativa. Pode-se

dizer que, “entender um texto, na perspectiva escolar é cumprir a tarefa apresentada pela professora, que consiste em exercícios que exigem a localização da resposta no texto, a partir da pergunta, sem considerar o significado da leitura.” RANGEL, 2009, p. 144).

Essa leitura que exige respostas prontas ou selecionadas se contrapõe a visão de Possenti onde as pessoas na sala de aula são enxergadas como indivíduos que têm experiência de vida, leem, conhecem e escutam falar coisas. (POSSENTI, 2001)

Existem dois aspectos importantes envolvidos na motivação do ato de ler, que, se considerados, levariam a um maior interesse dos alunos pela leitura na escola. O primeiro envolve o aspecto social que tem o sentido de trocar e compartilhar com o outro, através da fala e da escrita, as ideias que o livro transmitiu. Isso envolve a capacidade de aprender tanto a falar como a escrever desde muito cedo sobre aquilo que se lê, levando o aluno a conversar com os colegas sobre suas impressões, sentimentos e indo muito além disso, preparando-o para ser crítico a respeito do que seleciona e lê.

Além do social, deve-se considerar o aspecto motivacional através da livre escolha na leitura, permitindo ao leitor ir ao encontro do que deseja. Tal aspecto é de extrema importância no incentivo ao desenvolvimento do prazer pela leitura.

Freitas (2003), retrata a visão da escola aos olhos dos alunos como:

Fechada em suas muralhas, desconhece o mundo que circula do lado de fora. [...] Enquanto o fora da escola é estimulante, atrativo, cheio de opções que de certa forma estão levando ao conhecimento, a leitura e a escrita, o dentro da escola, ao contrário, é o reino da obrigatoriedade, do desinteressante, do instrumental.

Essa visão retrata um dos grandes desafios da escola: repensar as práticas antigas de leitura pela decodificação baseada na avaliação. Deve-se buscar desenvolver habilidades e competências de leitura que formem leitores autônomos e que estimulem o gosto pela leitura possibilitando benefícios duradouros ao longo da vida. Desse modo, será capaz na busca e no uso da informação para resolução de suas necessidades a qualquer momento e não simplesmente para concluir uma tarefa. A biblioteca escolar é um dos caminhos a seguir para superar os obstáculos enfrentados na leitura no ambiente escolar.

3 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A MEDIAÇÃO DA LEITURA

As bibliotecas sempre estiveram ligadas ao conhecimento; por isso são indissociáveis da escola, espaço em que o conhecimento é o principal objeto de trabalho. O acervo da biblioteca escolar é essencial no processo de ensino-aprendizagem, para proporcionar contato com novos saberes, diferentes fontes de informação indispensáveis no currículo escolar. A leitura é o caminho pelo qual as bibliotecas alcançam seu principal objetivo: promover o acesso à informação, ao conhecimento, à literatura e à cultura.

Para Moro (2011, P. 17), “a escola congrega pessoas e pessoas pulsam vida. Se a escola se transformar no pulsar da vida, a biblioteca é o coração que bombeia o estímulo do prazer para aprender.” Portanto, a biblioteca escolar é o centro de mediação entre a vida e a informação que oportuniza um espaço de aprendizagem onde o aluno deve conquistar voluntariamente e aprender por deleite.

A educação é um direito fundamental de todos; perpassa o desenvolvimento humano por meio do ensino e da aprendizagem, visando desenvolver e potencializar a capacidade intelectual do indivíduo. Por meio dela, as pessoas apreendem o conhecimento necessário para compreensão, conscientização, demanda e luta por outros direitos. A educação não se limita à instrução ou à transmissão de conhecimento, mas compreende o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, aprimorando habilidades e competências.

O relatório para Unesco, *Educação: um tesouro a descobrir* (DELORS, 2010), feito pela Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI apresenta quatro pilares sobre os quais a educação deve se firmar:

- *Aprender a conhecer*, que combina cultura geral, suficientemente ampla, possibilitando estudar, em profundidade, um número reduzido de assuntos, ou seja: aprender a aprender, para beneficiar--se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida;
- *Aprender a fazer*, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas, a competência que o torna apto a enfrentar situações diversas e trabalhar em equipe;
- *Aprender a ser*, para desenvolver sua personalidade e agir com uma capacidade cada vez maior de auto-nomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Para isso, a educação deve levar em consideração todas as

potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, e aptidão para comunicar-se;

- *Aprender a conviver*, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências, respeitando os valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Sendo conferido a este último pilar, base norteadora por uma educação criativa para “não deixar inexplorado nenhum dos talentos que, à semelhança de tesouros, estão soterrados no interior de cada ser humano.” (DELORS, 2010, p. 14)

O papel fundamental da escola é levar os alunos a assimilar conhecimentos já produzidos, transformando-os em valores para a vida inteira. A educação escolar é um processo comunicacional específico que, para atingir suas finalidades, requer formas didáticas que possam dar suporte adequado a aprendizagens efetivas a grupos diferenciados de estudantes, em idades diferenciadas de seu desenvolvimento.

A escola justa – que faz justiça social – é aquela que, sem degenerar, inclui, não exclui e qualifica as novas gerações. É aquela que lida com as heterogeneidades, as respeita e leva a aprendizagens eficazes. Ou seja, aquela escola em que os alunos aprendem de forma significativa e se educam para a vida como cidadão. (GATTI, 2013, p. 53)

Uma escola “justa” deve propiciar a todos a oportunidade para saber tratar, interpretar e formar juízos independentes sobre conhecimentos e informações. Em resposta aos múltiplos desafios da sociedade da informação, a escola deve buscar a perspectiva de um enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício da cidadania adaptada às exigências do nosso tempo.

As bibliotecas sempre se relacionaram com o aprendizado, dessa forma, automaticamente estão ligadas a escola. Se destaca como recurso essencial na escola, pois contribui no processo de ensino-aprendizagem oportunizando o contato com diferentes fontes de informação, tanto pelos alunos quanto para professores, demais colaboradores e a comunidade. Deve-se “[...] perceber essas duas células como facilitadoras do ato de ler e da produção do conhecimento.” (SILVA e BORTOLIN, 2006, p.13) pois elas se complementam por partilharem do mesmo objeto de trabalho. A Biblioteca escolar precisa ser vista como agente ativo no processo educativo que atua como “o ‘coração’ que distribui o alimento para todo o corpo pedagógico e o ‘pulmão’ trazendo ares de novos conhecimentos (MARTINS, 2006, p.60).

3.1 Mediação da leitura

A humanidade, em toda sua trajetória histórica, é mediada pela palavra. Desde o princípio, as narrativas eram repassadas de geração a geração, de povo para povo através da oralidade. Em seguida, a escrita também se tornou uma grande aliada para registrar os acontecimentos e histórias vividas. Com o passar do tempo, em cada época, procurava-se formas de registrar essas memórias com o intuito de preservá-las. Das pinturas rupestres nas cavernas, às tábulas de argila, ao pergaminho, para o papel e a imprensa de Gutemberg, seguiram evoluindo e, com o avanço das tecnologias, passaram a ser registradas em formato digital. Ainda hoje essas práticas e representações continuam em transformação pois atendem à dinamicidade e volubilidade que permeiam nosso mundo.

Almeida Junior (2009, p. 92) apresenta a definição clássica de mediação como,

[...] toda ação de interferência - realizada pelo profissional da informação - direta ou indireta; consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Este processo se baseia numa ação consciente de que o mediador não transmite conhecimento, e sim provoca, incentiva e possibilita aos sujeitos a própria construção do conhecimento. Mediar significa, portanto, potencializar o aprendizado, “É estar intencionalmente entre o objeto de conhecimento e o mediado de forma a modificar, alterar, organizar, enfatizar, transformar os estímulos provenientes desse objeto [...]” (BORTOLIN, NETO E DA SILVA, 2015).

Acima de tudo, a mediação é uma atividade de interação, pois através da busca por informação pelo indivíduo, é que o mediador, ou aquele que ‘está no meio’, age encontrando respostas que geram novas curiosidades ou necessidades. É nesse encontro entre o leitor e o texto que a mediação age promovendo o diálogo, como elemento essencial à construção e apropriação do conhecimento.

A palavra diálogo provém do vocábulo grego *diálogos*, como resultado da fusão das palavras gregas *dia* cujo significado é «através, ou por intermédio de», e por *logos*, que significa «palavra». Logo, se atendermos a sua etimologia, podemos dizer que o diálogo se refere ao processo de conhecimento através da palavra. Ela provoca a circulação de sentidos e significados. Isso quer dizer que quando o

praticamos a palavra liga em vez de separar. Reúne em vez de dividir. O Diálogo é mais do que uma técnica: é uma maneira de conduzir conversações que traz nova visão de mundo, de relacionamentos e de processos. Sua riqueza consiste em ser uma conversação que tem como característica aproximar pessoas, grupos, e fortalecer os vínculos a partir da experiência autêntica.

Esta dialogicidade favorece uma compreensão genuína, pois

[...] a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BATHKIN, 2002, p. 132).

Aragão (2019, p. 151) ressalta que a mediação resulta no encontro entre leitor e texto onde deve haver “escuta do leitor e a conversa entre os livros, os leitores e o mediador para que cada um dos participantes e todos juntos construam os mais diversos sentidos para o texto.”

Pennac (1993) apresenta uma proposta para “reconciliar” o leitor e a leitura com uma condição,

[...] não pedir nada em troca. Absolutamente nada [...]. Ler e esperar. Não se força uma curiosidade, desperta-se. Ler é ter confiança nos olhos que se abrem, nas cabeças que se divertem, na pergunta que vai nascer e que vai puxar uma outra pergunta. (PENNAC, 1993, p.121)

Além de realizar uma interação entre os sujeitos e/ou objetos, a mediação implica em uma mudança ou alteração da realidade. É nessa relação interativa que percebemos a importância do agente mediador.

Segundo Bortolin, Neto e Silva (2015, p. 39) o mediador, “é aquele que se posiciona de maneira intencional e medeia algo ou alguma coisa para alguém, com o intuito de modificar a situação ou solucionar problemas”. Para exercer esse papel, o mediador precisa de uma sensibilidade para identificar e compreender as necessidades do leitor, considerando o ambiente e contexto em que se insere. Pode-se afirmar que ao reconhecer as preferências e habilidades de seus leitores o mediador faz uma leitura de seus leitores.

Os familiares deveriam ser os primeiros mediadores, pois são por meio deles que as crianças se ligam com o mundo. Esse processo pode começar desde o nascimento, quando os avós os colocam nos braços para ninar ou escutam histórias antes de dormir. É nessa fase inicial que devem ser despertados para a leitura pois estão mais propícios a absorverem o novo e descobrirem tudo ao seu redor.

Após o incentivo primordial na família, a escola é considerada o principal responsável na formação dos leitores, tendo como base sua função de ensinar. Nesse contexto, a biblioteca escolar tem papel fundamental e deve ser parte integral do processo educativo. Ela torna-se cenário para promoção e incentivo à leitura, e o bibliotecário como personagem indispensável, que age e interage com o propósito de contribuir na educação estimulando a leitura dinâmica e criativa.

A relação entre leitor, mediador e livro se torna uma parceria que envolve fatores extrínsecos e intrínsecos. O mediador age como “sujeito ativo que compartilha a leitura e a desenvolve com os educandos e não para os educandos.” (MARTINS, 2002, p. 147) O objetivo primordial da mediação de leitura deve ser despertar o gosto pela leitura literária, proporcionando a formação do leitor de modo prazeroso e não enfadonho e desprovido de deleite, que afasta da leitura e da biblioteca escolar. O mediador deve considerar a formação de leitores como um processo constante na escola e na vida sendo compreensivo com aquele que inicia essa jornada, apoiando-o, incentivando a escolher suas próprias leituras sem criticá-lo e, ao mesmo tempo, oferecendo possibilidades para que encontre novas leituras.

3.1.2 Mediação da leitura literária

Apesar da leitura literária possuir diferentes conceitos, sabemos que ela está ligada principalmente às funções da literatura no contexto do lazer, podendo incluir vários gêneros literários (romance, poesia, fábula, contos, crônicas etc.).

A leitura literária se constrói à medida em que o leitor interage com o texto, dando-lhe vida, inebriando-o de sentimentos e emoções, uma relação bilateral onde não se faz possível dissociar texto e leitor.

Segundo Yunes e Ponde (1988, apud BORTOLIN, 2006, p. 63) a leitura literária é um

instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, lidar com a ciência, a cultura e o processo de trabalho, uma vez que trata de um discurso que fala da vida, encarando-a sempre de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade de faces.

A leitura literária permite inúmeras interpretações, já que não existe uma única maneira de compreender um texto. A sua riqueza está justamente nesse particular, cada um interpreta o que leu a partir de suas experiências anteriores, de

sua capacidade de associação com outros textos, ou mesmo a partir do sentido que a leitura traz para cada pessoa. Em virtude disso, o processo de interpretação é particular e as trocas de experiência devem ser permitidas para que inúmeras visões e pensamentos sejam discutidos e articulados. Um aprende com o outro os diversos sentidos de um mesmo texto. Da multiplicidade de visões, surge a diversidade de sentidos (CONDE, 2015).

Rangel (2009) afirma que a aproximação texto-leitor é um fator importante no âmbito da leitura literária. Quanto mais fértil for o diálogo provocado no leitor pelo texto, mais proveitoso será a leitura. Essa característica aplica-se diretamente à leitura literária por quê,

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota em si mesmo, mas no diálogo que provoca com leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem o objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabada, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo. (RANGEL, 2009, p. 27)

A leitura Literária poderá ser fonte de conhecimento e desenvolvimento da criticidade, mas, ao mesmo tempo, de diversão. Consegue chamar a atenção do aluno e, uma vez conseguida a atenção, a leitura flui mais facilmente, assim como a compreensão textual.

Para Martins (2019, p.44), através da leitura literária,

[...] o ato de ler tem dimensões e possibilidades muito mais profundas. Pois, se a leitura visa criar a consciência da realidade humana por meio da compreensão, interpretação e transformação do mundo, então a leitura literária pode ser usada pelos mediadores de leitura como um instrumento de imaginação, afetividade, e raciocínio para a formação crítica do indivíduo.

Ainda em relação à leitura literária, o mediador deve provocar os leitores, relacionando os textos com a vida e fazendo-os embarcar numa viagem imaginária, “no que diz respeito a leitura de texto literário, o trabalho do mediador precisa visar para além da compreensão, a imaginação de outros mundos possíveis e a transformação do leitor e de sua realidade.” (FERNANDES, 2011 apud ARAGÃO, 2019, p. 152).

Apesar de muito discutido no cenário educacional atual, percebe-se que a situação do incentivo à leitura literária encontra-se estagnada, visto que o principal local onde crianças e adolescentes deveriam ser estimulados ao ato de ler, a escola,

muitas vezes não consegue suprir as necessidades de formação leitora. As primeiras abordagens existentes no ensino básico, muitas vezes, não abarcam a real necessidade dos futuros leitores em potencial. Segundo Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 392), “é fundamental pensar a questão da leitura do texto literário, inserida na instituição escolar, mas desvinculada do caráter pedagógico e moralizante que acompanha essa prática quando realizada na escola”.

A leitura de gêneros ficcionais, sejam eles clássicos ou ‘best sellers’, são comprovadamente consideradas formas de abstrair-se das atividades cotidianas. Versiani, Yunes e Carvalho (2012, p. 31) expõem que “Toda leitura é válida, todo suporte de leitura é pertinente quando buscamos o ato de ler como uma prática de prazer”.

A adolescência é considerada um período conturbado, onde a prática da leitura aparece com certa desmotivação. As últimas séries do ensino fundamental, oitavo e nono anos, configuram-se como o período onde o aluno deve formar os seus gostos e preferências. É nesta época onde os alunos começam a ampliar suas percepções de mundo, ocorre a chegada da puberdade, da adolescência e o encontro com o outro de maneira diferenciada. Torna-se cada vez mais importante implementar práticas que incentivem e enriqueçam o repertório literário no cotidiano dos jovens.

Cabe à escola e à biblioteca escolar ter uma visão mais moderna e condizente com a realidade atual dos jovens, proporcionando uma diversidade de leitura sem nenhuma discriminação literária. A biblioteca escolar se destaca como um espaço privilegiado, pois colabora com a aprendizagem, proporcionando o encontro do leitor com diferentes fontes de informação e contribuindo para formação de cidadãos preparados para lidar com os desafios presentes na sociedade.

3.2 A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem

A biblioteca escolar é responsável na escola pelo acervo bibliográfico, orientar e formar leitores, cooperar com a educação, com a aquisição de competências em informação, com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dar suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca é incentivar a leitura, tendo como objetivo a formação de

futuros leitores, através da facilitação dos serviços de informação e da competência do aluno para aprender a aprender.

O Manifesto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) afirma que,

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias que são fundamentais para o funcionamento com sucesso em nossa sociedade contemporânea com base em informações e conhecimento. Ela proporciona aos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e ajuda a desenvolver a sua imaginação, permitindo-lhes realizar-se na vida como cidadãos responsáveis. (IFLA/UNESCO, 2002)

Isto significa que a ação da biblioteca escolar se inicia no limite do espaço onde se busca a forma de aprender e onde se adquire o conhecimento, ou seja, a competência para fazer uso da informação selecionada pelo interessado em aprender. Portanto, sua importância está em ser vista como um lugar que promove o aprendizado e estimula a construção de sentidos.

Kuhlthau (1999), pesquisadora especializada no estudo de comportamento e aprendizagem no ensino fundamental, dentro da esfera da biblioteca, cria conceitos sobre uma aprendizagem eficaz. Essa autora defende a integração de uma abordagem questionadora do ensino ao longo do currículo, através de uma variedade de recursos informacionais. O objetivo é fornecer meios para que o aluno produza seu aprendizado mais independente do conteúdo, capaz de tomar iniciativa e percorrer o processo de aprendizagem, em busca de autonomia.

A aprendizagem baseada no questionamento é aquela na qual o estudante se engaja em projetos e problemas que o façam levantar questões, procurando respostas em grande variedade de recursos, mudando questões a partir do momento em que aprende mais, demonstrando o que aprendeu através de diferentes formatos e compartilhando novos conhecimentos com outros estudantes, num ambiente de aprendizagem.

As habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo precisam ser desenvolvidas e adaptadas às novas tecnologias e aos ambientes ricos em informação. A simples memorização de respostas e a reprodução de textos não são suficientes para preparar o estudante para uma vida produtiva e para a realização pessoal na sociedade da informação.

Para Blattmann e Vianna (2016, p. 118),

[...] a aprendizagem ocorre de modo intensificado quando exige dos alunos habilidades como: tomar iniciativa, assumir responsabilidades, ser independente e ter autonomia para explorar suas necessidades.

O aluno precisa desenvolver a habilidade de aprender em situações de mudança, sem se tornar oprimido e desencorajado. Necessita também desenvolver habilidade de aprender a partir de uma abundância de informação, sem se tornar frustrado, distraído e sem motivação. Deve desenvolver habilidades de ir além do encontrar fatos, a fim de criar seu próprio entendimento.

As escolas estão sendo reestruturadas em torno de uma aprendizagem baseada no questionamento, onde o estudante está envolvido ativamente no processo de construção de significados. Esta abordagem é muito diferente da do livro texto, onde o estudante se limita a reproduzir o texto e reempacotar a informação. O bibliotecário desempenha papel central na criação desse tipo de ambiente de aprendizagem, através da transformação da biblioteca escolar num centro de questionamento que fornece acesso a recursos para aprendizagem, em todos os assuntos do currículo.

Quanto às funções da biblioteca escolar, as diretrizes da IFLA/UNESCO (2005) sugerem algumas ações como:

- Incentivo ao gosto pela leitura;
- incentivo para frequente utilização da biblioteca e de seus serviços;
- estímulo para o desenvolvimento do conhecimento pelos usuários;
- utilização da informação em suportes variados;
- atividades que possibilitem ações culturais e sociais.

Estas ações indicam que as bibliotecas escolares desempenham papel de agente educacional, cultural e social quando prestam auxílio aos seus usuários no uso das ferramentas e dos sistemas de informação, educando-os para a autonomia na busca da informação pretendida. Assim, a biblioteca detém a responsabilidade de promover ações que estimulam e desenvolvem a leitura como um verdadeiro “[...] laboratório de ideias que promove o conhecimento e a cultura complementando a sala de aula e dinamizando o ensino em qualquer escola.” (BARROS, 2009, apud BOTO e BRAZ, 2017, p. 677)

A atuação da biblioteca escolar deve ir além de oferecer um espaço para leitura, realizar empréstimo dos acervos e subsidiar pesquisas. A biblioteca escolar deve ser pensada como espaço de criação e de compartilhamento de experiência,

espaço de produção cultural onde crianças e jovens sejam criadores e não apenas consumidoras de cultura.

Os bibliotecários e professores devem ser eles próprios, exemplos de leitores críticos, pois a leitura como ato cultural oportuniza uma biblioteca aberta, interativa, com espaço livre para a expressão genuína dos alunos.

Para compreender a relação pedagógica entre a escola e a biblioteca, inicialmente é preciso “perceber essas duas células como facilitadoras do ato de ler e da produção do conhecimento” (SILVA e BORTOLIN. 2006, p.14), não sendo subjugadas como ambientes distintos e sem relação conjunta para a elaboração de suas ações, missões e objetivos pedagógicos. Assim,

a missão da biblioteca está intimamente ligada à da escola – porta de entrada às novas experiências da leitura, mas sem esquecer o que ela é: um instrumento de apoio ao processo educacional. É à biblioteca que cabe fazer nascer no aluno o interesse, germinar a curiosidade e fazê-lo voltar a outros livros. Essa é a sua missão. (CÔRTE; BANDEIRA. 2011, p. 9)

Tanto a escola como a biblioteca possuem responsabilidades mútuas no processo de ensino e aprendizagem. Como componentes essenciais do desenvolvimento da leitura, o ensino e a biblioteca necessitam caminhar de mãos dadas, unindo esforços para obter o resultado desejado: a formação de leitores capazes de exercer sua cidadania. Não se trata de uma disputa competitiva; ambos têm sua importância, entretanto quando trabalham juntos promovem o crescimento exponencial do leitor, oferecendo a ele oportunidades para alcançar seu potencial. Cabe à direção da escola, professores e bibliotecários unirem esforços para planejar e executar atividades coordenadas que promovam interação direta dos alunos e ofereça as ferramentas necessárias para formar leitores.

No prefácio do livro *Inovação em escolas com bibliotecas*, Thiesen (2016) afirma que a informação e o conhecimento possuem indissociabilidade no espaço escolar quando a informação é transformada por meio dos processos de ensino e aprendizagem em construtos de conhecimento dos estudantes.

Moro (2011, p. 13) apresentam de forma alegórica o papel da biblioteca escolar quando dizem que, “a biblioteca escolar saiu das quatro paredes, deixando de ser um castelo fechado em si mesmo e abrindo para a democratização, a construção do conhecimento, transformando-se em um amplo ambiente de aprendizagem”.

A realidade vivida nas escolas brasileiras na grande maioria não dispõe de uma biblioteca cujo espaço e acervo estejam voltados a complementar os trabalhos

realizados na sala de aula. Dados do Censo Escolar 2018 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontam que das 181.939 mil escolas brasileiras, 98 mil ou 55% não têm biblioteca escolar ou sala de leitura. (INEP, 2018). Outro fato preocupante é que a maioria delas não possuem um profissional bibliotecário que estimule a leitura para proporcionar momentos de descoberta e aprendizagem permeados por alegria e prazer, facilitando a relação entre o leitor e o texto.

É imprescindível que a escola prepare o aluno para que sinta sua responsabilidade com o mercado de trabalho, com a cidadania, e para a vida cotidiana formando assim cidadãos que pensam e agem de modo consciente. É preciso legitimar atividades e ações na biblioteca escolar que alarguem o campo da leitura como produção de sentidos na interação do leitor com o livro.

3.3 Práticas de leitura na biblioteca escolar

Para possibilitar que o processo de leitura se consolide como um ato de interação entre o leitor e o texto, é necessário viabilizar práticas leitoras que promovam múltiplos letramentos a fim de que o ato de ler seja uma prática social e cultural. O planejamento dessas ações deve ser realizado com criatividade, atendendo às características e necessidades do grupo pretendido de forma a atrair e envolvê-los. Existe uma gama de possibilidades, da qual podemos nos inspirar criando iniciativas e adaptando à realidade da instituição e dos recursos disponíveis.

Uma prática leitora deve ter continuidade, deve ter um propósito ligado a leitura e a formação do leitor. Deve despertar nos indivíduos o desejo de ler mais, com maior intensidade e poder de interpretação. Deve torná-los leitores mais atentos, curiosos, observadores, críticos e com mais conteúdos a elaborar, compreender e interpretar falas e escritas mais complexas. (VERSIANI, YUNES E CARVALHO, 2012, p. 136)

Celedonio e Gradela (2019, p. 138) ressaltam a importância da promoção de práticas leitoras pela biblioteca escolar de maneira que “essas práticas estejam alicerçadas em uma educação reflexiva, que promova encantamento pela leitura, subsidiando o desenvolvimento de competência informacional para além do ambiente escolar e com visão crítica.”

Enfim, ao elaborar estratégias para o desenvolvimento das práticas de leitura na biblioteca escolar é preciso deixar espaço para a criatividade, inovação e

partilha de ideias. Dessa forma, poderá estimular o encantamento do leitor permitindo que compreenda a leitura como parte da aprendizagem ao longo da vida e como a biblioteca participa desse processo. Blattmann e Vianna (2016, p. 94) consideram a biblioteca escolar como “um lugar libertador, pois nos livros residem os sonhos utopia, medos, glória, revoluções, enfim a sabedoria” que estimulam a evolução do leitor.

Uma das práticas mais conhecidas são os *círculos ou rodas de leitura*. Elas promovem o encontro de determinado grupo de indivíduos com objetivo de compartilhar leituras, discutir autores, e partilhar histórias de vida. Normalmente, possui um facilitador que ajuda a aproximar o texto aos leitores, incentivando-os a explorar suas memórias e outros textos que se relacionam.

Outra prática bem explorada são os *saraus literários*. Sua origem remonta aos antigos serões, comuns no Brasil até o início do século XX, onde amigos e famílias se reuniam para conversar, apresentação musical, leitura em voz alta de textos literários e declamação de poesias. (VERSIANI, YUNES E CARVALHO, 2012, p. 99-100)

Elas incentivam a participação de um público heterogêneo e proporcionam o envolvimento dos indivíduos permitindo o contato com o texto e dando voz, gestos e corpo daquele que o interpreta. Seu objetivo é democratizar o acesso ao livro, a leitura e ao entretenimento literário.

A arte de *contação de histórias* remonta aos primórdios da civilização, onde a oralidade era uma prática cotidiana usada para preservação dos valores culturais e da memória. As narrativas orais promoviam a interação social que perpetuava o conhecimento e as experiências de geração a geração. A contação de histórias continua sendo uma prática bastante efetiva, pois ela dá vida ao texto, trazendo cores, personagens e lugares que permitem que as pessoas viajem na sua imaginação. Segundo Barcellos e Neves (1995, p. 11) a contação de histórias é

uma das atividades mais importantes em termos de estímulo à leitura, pois proporciona viagem ao leitor e ao ouvinte, merecendo destaque por ser uma das atividades mais aplicadas, mais conhecidas e discutidas que amarra o lúdico e o literário, envolvendo todas as outras atividades praticadas com a intenção de proporcionar o gosto pela leitura.

Sousa (2019, p. 123) afirma que a narrativa literária “É um ato que perpassa o coração de quem se deixa tocar a alma através dos sentidos, para então encontrar no olhar do outro o cenário que dá vida a história.” Além do encantamento que a arte

de contar histórias proporciona, ela aproxima o leitor da literatura escrita e facilita a interpretação da informação.

Existe uma variedade de formas para promover a *produção literária* onde os alunos criam textos, poemas e redações que podem ser usados na publicação de um jornal, fanzine, ou até mesmo de próprio e-book.

O projeto Estante Mágica (<https://estantemagica.com.br/>) é uma iniciativa conjunta de várias instituições para promover o protagonismo de alunos através da leitura e da escrita. Ela oferece gratuitamente às escolas a chance de cada aluno escrever, ilustrar e publicar o próprio livro. Nesse processo criativo, o estudante desenvolve múltiplas habilidades socioemocionais, como autoconfiança e curiosidade. (Estante Mágica, 2019)

Diante das inúmeras possibilidades geradas pelo mundo cibernético e as tecnologias contemporâneas, surgem novas configurações e desafios para adequar as práticas leitoras utilizando recursos do universo virtual. Os nativos digitais são os usuários que dominam com facilidade e agilidade o uso das tecnologias para obter informações e costumam recorrer primeiramente a fontes digitais antes de procurar em livros ou na mídia impressa.

Os *blogs literários* são uma dessas alternativas que possibilita que os indivíduos compartilhem e criem qualquer tipo de informação. Eles se assemelham a um diário on-line, com postagem de textos e imagens, chamado posts, onde podem expressar seus interesses de leitura e proporcionar um espaço para trocas informacionais. Além de permitir a publicação de conteúdo digital, oferece mecanismos para o desenvolvimento da escrita, leitura e da criatividade. Segundo Luana Sousa (2019, p. 188) “Essa prática é uma maneira de ampliar o sentido de leitura, ao apresentar um novo arranjo textual e incentivar a interpretação de textos no formato virtual.”

Surge, então, um novo formato de mídia: os *vlogs*. Basicamente convertem-se para diários em vídeo, que, além de textos e fotos, permitem também áudio, trilha sonora, efeitos especiais e uma edição que se ajusta ao produto final. Trata-se de uma ferramenta altamente interativa e popular entre os adolescentes. Esses vlogueiros são conhecidos como ‘booktubers’, apaixonados por literatura que fazem críticas literárias no YouTube através da publicação de vídeos com resenhas, comentários e discussões das mais variadas obras. (ALVES; SILVA, 2018)

Luna e Branco (2013, p.52) ressaltam que trazer o vlog para a sala de aula pode ser instrutivo e, ao mesmo tempo, divertido, servindo como entretenimento e envolvimento para os estudantes e seus colegas. Ambos, o blog e vlog, possuem característica semelhante a um seriado, pois seguem uma sequência de fatos na vida do vlogueiro e o público acompanha como se fosse uma série ou novela. Cabe vislumbrar os gêneros midiáticos em que os alunos estão inseridos e seu potencial como ferramentas pedagógicas para compreensão do texto literário.

Outra ação inusitada é o *speed booking*, espelhado na técnica do speed dating para encontro de pessoas solteiras. O objetivo é apresentar aos alunos grande variedade de livros e deixá-los empolgados com a leitura. O método consiste em expor livros previamente selecionados em mesas, com cronômetro digital marcando dois minutos, tempo em que deverão escolher um livro e preencher um formulário. Quando acaba o tempo, os alunos mudam de mesa e repetem o processo até que tenham passado por todas as mesas. Em seguida compartilham o que viram e gostaram com os demais alunos. (Indie Library, 2012)

Independente da atividade aplicada é imprescindível produzir um ambiente encantador que instigue a curiosidade do leitor mostrando que algo diferente acontecerá naquele espaço. Outro fator relevante é considerar as preferências do seu público, buscando meios para atraí-lo. Afinal, a principal finalidade de qualquer prática engloba a conquista do interesse do leitor e a ampliação de sua capacidade de apropriação de textos em suas diversas formas.

4 O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O bibliotecário escolar trabalha com a informação e a leitura no ambiente da escola - um dos mais poderosos instrumentos de desenvolvimento humano. Nesse sentido, é indispensável o desempenho de sua função social como agente de democratização e de disseminação da informação para formar leitores autônomos e competentes. Atuando como educador, esse profissional contribui no processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas e possibilidades de leitura. Para obter sucesso nessa missão, é fundamental estar consciente do seu papel no contexto escolar na construção do conhecimento e transformação social.

Bicheri e Almeida Junior (2013), ao tratar sobre a postura do bibliotecário escolar, afirmam que o bibliotecário adequado é aquele que,

[...] está em constante questionamento; [...] que procura conhecer sua área de atuação; [...] que tem consciência de que o usuário é seu fim último; que sabe que as informações com as quais lida não são neutras e imparciais; que está sempre procurando conhecer os motivos que há por trás de suas ações; [...] que sabe que a informação é imprescindível para a formação do cidadão. O bibliotecário escolar é aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como um agente de transformação social. [...] (BICHERI E ALMEIDA JUNIOR, 2013, p.47)

Como agente disseminador da informação, o bibliotecário escolar assume papel importante na formação de leitores, oportunizando o acesso à informação, desenvolvendo atividades de incentivo à leitura, e com isso subsidiando a formação leitores críticos, autônomos e atuantes na sociedade.

O bibliotecário escolar tem grandes responsabilidades, pois dependerá dele o resultado das ações empreendidas na biblioteca escolar e associadas ao fazer cotidiano de escola. Se ele considerar a educação em sentido amplo, não limitado somente ao ensino, mas principalmente, focada na formação de práticas e atitudes do aluno, sua participação será cada vez mais requerida no contexto pedagógico.

Considerando que a sala de aula não é o único lugar de aprendizagem na escola, o bibliotecário escolar deve vislumbrar o ambiente da biblioteca como um organismo vivo e vital para a formação de leitores que procuram implementar novas formas de conhecimento da realidade social e cultural que os rodeiam. Cria e recria espaços favoráveis ao desenvolvimento do gosto pela leitura, cativando os leitores em potencial para que se tornem leitores reais, visando fomentar o processo de aprendizagem significativa baseada na prática de leitura.

Diante das várias mudanças tecnológicas e novos paradigmas da informação, houve considerável avanço também nas competências e habilidades do bibliotecário escolar para desempenhar suas atividades com eficiência para atender às expectativas dos usuários. Dentre as múltiplas atribuições designadas ao perfil do bibliotecário, no espaço da biblioteca escolar, destacamos dois papéis essenciais: o de educador e leitor, apresentados a seguir.

4.1. O Perfil do bibliotecário-educador

A leitura realizada para apreender ou informar deve ser tratada como parte do processo pedagógico em que não só o professor, mas também o bibliotecário é igualmente responsável. Nesse sentido, todos os que trabalham no espaço da comunidade escolar são educadores, corresponsáveis a formarem indivíduos leitores, ajudando-os a ingressarem no mundo do conhecimento por meio da leitura.

Segundo Silva e Bortolin (2006, p. 48)

Educar significa preparar a pessoa, não para sujeitá-la a uma sociedade já construída, mas para que seja um agente transformador, alguém que interfira no mundo, que contribua para construção da humanidade. Educar significa dar condições para que a pessoa possa se transformar em um cidadão.

O intuito primordial da educação deve ser o de preparar o aluno para desvendar os novos caminhos do conhecimento, de forma autônoma e crítica. Cabe ao mediador despertar o pensar, segurando na mão do estudante e guiando-o para que conheça novos horizontes, tornando-o capaz de, no futuro, caminhar por si só.

Martins e Bortolin (2006, p.35) afirmam que as ações do bibliotecário escolar,

[...] se encontram mais próximas dos pedagogos e demais educadores, pois sobre ele recai a preocupação em dividir a responsabilidade de educar e de apoiar a escola no cumprimento do seu Projeto Político Pedagógico. Sendo assim, esse gênero de bibliotecário, além de conhecer as técnicas que lhes foram transmitidas durante sua formação, deve apresentar qualidades que o possibilite promover de fato a leitura.

O foco central de suas atividades é aproximar o leitor do conhecimento. Ele possui uma sensibilidade e se empenha em explorar as inúmeras possibilidades de uso do acervo e coleções, tornando-os dinâmicos e despertando o desejo de ler com maior intensidade e poder de interpretação. Esse processo está repleto de

subjetividades que ampliam a produção de sentidos na interação do leitor com a informação. Durante esse percurso, o bibliotecário escolar contribui,

Ajudando a criança a compreender seus próprios problemas, estimulando a imaginação, promovendo o desenvolvimento linguístico, suscitando o gosto pela boas leituras e recreando, o bibliotecário escolar centra seu trabalho num aspecto essencialmente educativo, cumprindo sua função de importância relevante, a busca do leitor, pois é a biblioteca que mais vezes deve ir ao encontro dele. (SILVEIRA, 1997, p. 15 apud SILVA E LENDENGUE, 2010, p. 94)

Atua como elo entre a biblioteca, o conhecimento e a sala de aula, atentando à realidade da escola, o projeto pedagógico e as necessidades de cada segmento da comunidade atendida quer sejam alunos, professores, colaboradores ou pais. Nesse sentido, é importante abrir o espaço da biblioteca a toda comunidade ampliando o conceito coletivo da importância da leitura para educação.

Cabe ao bibliotecário participar de forma ativa, colaborando na elaboração do projeto pedagógico da escola e no processo de ensino/aprendizagem, assessorando no planejamento e na implantação de atividades curriculares, integrando assim as ações da escola com as práticas e serviços da biblioteca escolar. Antever possíveis serviços que auxiliam e complementam as atividades pedagógicas, se mostrando como profissional atuante e correspondendo às expectativas com qualidade mostrando que a biblioteca pode fazer parte do trabalho educativo. Campello (2003, p. 30) aponta a relevância do bibliotecário escolar na formação de leitores autônomos, ao afirmar que,

O bibliotecário escolar precisa ser consciente de que tem a função de ensinar, não apenas as habilidades que vinha frequentemente ensinando (localizar e recuperar a informação), mas também a função de se envolver no desenvolvimento das habilidades de pensar criticamente, ler, ouvir e ver, enfim, ensinar a aprender a aprender.

É também de sua competência identificar as necessidades e expectativas de seu público e proporcionar atividades que despertem o gosto pela leitura e contribuem na formação de leitores capazes de se apropriar da informação na construção do conhecimento.

Stripling (1996), conhecida especialista em biblioteca escolar, sugeriu os seguintes papéis para o bibliotecário, enfatizando sua função pedagógica:

– Cuidador (Caregiver): essa função relaciona-se com a idéia de que o processo de aprender envolve uma dimensão afetiva; é importante respeitar a individualidade e o interesse pessoal do aluno. Assim, a função do

bibliotecário seria a de apoiar a aprendizagem individualizada, auxiliando cada aluno em suas necessidades específicas, respeitando seu estilo de aprendizagem;

– Orientador (Coach): a idéia de que o aluno seja responsável pela construção de seu conhecimento coloca o bibliotecário na posição de estimular a aprendizagem, levando o aluno a buscar as fontes, estratégias e respostas para suas necessidades;

– Elo (Connector): as duas funções anteriores seriam de responsabilidade conjunta do professor e do bibliotecário; este último, entretanto, assumiria uma função que normalmente não é assumida pelo primeiro: a de conectar os alunos com as idéias concretizadas no universo dos recursos informacionais disponíveis. E, à medida que esse universo se tornasse cada vez mais complexo, essa função prevaleceria sobre as outras;

– Catalisador (Catalyst): a função coloca o bibliotecário como catalisador das mudanças na escola, tendo em vista a sua posição na estrutura escolar. Como colaborador no planejamento curricular e facilitador da aprendizagem, o bibliotecário estaria em uma posição privilegiada, por ter uma visão global do processo de aprendizagem em todas as áreas (Stripling, 1996, p. 641-649 apud Campello, 2003, p. 31).

Existe um conjunto de fatores, que modelam o profissional com criatividade e sensibilidade para elaborar práticas informacionais, considerando as necessidades do grupo com o qual trabalha, sem perder de vista o mais importante que é a conquista do interesse do leitor e a ampliação de sua capacidade de apreender textos em suas diversas formas.

4.2. O Perfil do bibliotecário-leitor

Em nenhum campo da formação humana, o indivíduo será um ser acabado. O processo de construção do ser humano é algo permanente. Nesse sentido, o bibliotecário deve ser um leitor que se constrói ao longo da vida, que atende aos requisitos de uma leitura crítica e criativa, capaz de contribuir para as mudanças e transformações que a sociedade está sempre a empreender. Um profissional que tenha prazer de ler para aprender e para se divertir.

A melhor forma de incentivo se dá através do exemplo, conforme destaca Pitz, Souza e Boso (2011, p. 412),

[...] para que o hábito de ler seja incentivado, o bibliotecário deve antes de tudo gostar de ler, ser um leitor. O conhecimento e a educação através da pesquisa, da reflexão e do crescimento intelectual são tão importantes quanto a formação acadêmica.

Os alunos veem um exemplo a ser seguido através de ações que corroboram com seu discurso. Para despertar o prazer de ler, esse prazer precisa estar também em quem incentiva a leitura. Como conduzi-lo ao mundo da leitura sem

que o tenha visitado antes? Esse convite não pode ser uma obrigação: tem que ser um chamado para guiá-los no caminho da descoberta da leitura e do prazer de descobrir a si mesmo. Versiani (2012, p. 41) ilustra bem essa arte afirmando que o bibliotecário

Deve ser como um encantador, alguém que convida o outro a descobrir um universo mágico, de possibilidades infinitas. Gesto simples, como o de deixar um livro ao alcance da criança; contar uma história ou falar com entusiasmo de um livro que lemos são atitudes que fazem toda a diferença.

Ao demonstrar seu interesse e gosto pela leitura, conversa sobre textos, sugere outras leituras provocando a interação do leitor com a escola e a biblioteca. Busca com criatividade aplicar as múltiplas possibilidades de uso das coleções, incluindo também outras linguagens como a música, fotografia e o cinema, tornando-os dinâmicos, próximos do usuário, fazendo dele um leitor.

Em seu livro *Como um Romance*, Pennac (1993, p. 80) indaga: “E se invés de exigir a leitura o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler?” depois exemplifica com o relato de um professor partilhando o prazer da leitura com seus alunos através da leitura de um romance em voz alta na sala, “Quando vimos [o livro] sair da sacola do professor acreditamos na aparição de um iceberg! [...] Ora, eis que ele se põe a ler e vemos que o iceberg se derrete nas mãos dele!” (PENNAC, 1993, p. 116).

Petit (2008, p. 160) expressa bem essa prática quando diz que “a transmissão do amor pela leitura se dá pela experimentação desse amor.” Quando nutrimos um amor genuíno pela leitura, ela se revela através de nossas palavras, atitudes e ações cotidianas. Vê-lo com um livro debaixo do braço ou escutá-lo compartilhando suas descobertas, como se o livro fosse seu amigo, contagia e seduz os leitores para adentrar o mundo literário.

O bibliotecário escolar deve estar sempre em busca de novos conhecimentos através da leitura e da pesquisa; somente assim estará habilitado para instigar a curiosidade dos usuários em manter procura contínua pelo aprendizado. Barros, Bortolin e Silva (2006, p. 123) alertam para o perigo da estagnação ocasionada quando,

[...] o bibliotecário que não lê se castra consciente ou inconscientemente. Não avança e não promove conhecimento. Não se arma para os imprevistos do dia-a-dia, como que esquecendo que a biblioteca é palco de incontáveis dúvidas, que a sua cultura pode ajudar a resolver. Sendo o bibliotecário um profissional da informação, por excelência, não pode, ele próprio, estar alheio

aos fatos e às notícias. É essa constante atualização do conhecimento, repito, que faz do seu referencial teórico uma base segura de apoio ao leitor a que está vinculado. [...]

A necessidade de preparo em alto nível dos bibliotecários e profissionais da informação se estende e se aperfeiçoa através da educação continuada. Como bem descrito na frase anônima: “Ninguém sabe tanto que não possa aprender e nem tão pouco que não possa ensinar.” Somos uma somatória de pedaços que ao longo da vida vão se unindo e nos moldando.

Silva (1998, p.113) define a educação continuada como uma,

construção contínua da pessoa humana, de seu saber e de suas atitudes, mas principalmente de sua capacidade de julgar e agir. [...] Há que se pensar mesmo numa sociedade em que cada um será, ao mesmo tempo professor e aprendiz. [...] Educação continuada é uma das portas de entrada do século XXI.

A formação complementar constante, ou seja, o aprendizado ao longo da vida, é essencial para consolidar a profissão no cenário atual. Ela desenvolve o indivíduo preparando-o para atuar na realidade do momento e para o futuro.

O bibliotecário tem papel significativo no processo de aprendizagem, pois instiga a produzir sentido a partir de sua leitura de mundo, estimulando a curiosidade e a busca do conhecimento. Ao integrar a leitura e o aprendizado à sua prática diária, produz um sentimento de satisfação como parte de sua potência e competência pessoal e social.

5 METODOLOGIA

A pesquisa é uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e os dados (MINAYO, 1999, p.23). Diante disso, esta pesquisa possui caráter quali-quantitativo e apresenta-se como exploratória, pois oferece subsídios para esclarecer e definir sua natureza e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas. Tem por objetivo familiarizar-se com o tema descrevendo os detalhes e relações encontradas descobrindo novas ideias ou diferentes percepções.

Gil (2014, p. 27) afirma que o principal objetivo da pesquisa exploratória é “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Para isto, envolve a delimitação e validação do tema através de um levantamento bibliográfico que aborde o que pensam os especialistas a respeito desse assunto.

O procedimento escolhido para nortear esta pesquisa foi o método observacional que permite investigar um fenômeno dentro do seu contexto real, com múltiplas fontes de evidências. A observação conforme Gil (2014) constitui elemento fundamental para pesquisa e permeia todo processo de construção da investigação desde a formulação do problema, coleta, análise e interpretação dos dados, sendo mais evidente na etapa da coleta dos dados. “Nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano.” (GIL, 2014, p. 100).

Por se tratar de uma observação estruturada, com planejamento prévio pode ser classificada como observação sistemática. Tendo por base os objetivos pretendidos na pesquisa, considerou-se os grupos específicos do público almejado e os aspectos relevantes para sua realização. Neste plano estabeleceu-se previamente os sujeitos a serem observados bem como a forma de registro e organização das informações. Definiu-se como sujeitos da pesquisa três grupos específicos: alunos de escolas públicas e privadas cursando o Ensino Fundamental II (anos finais) 6º - 9º anos; professores lecionando no Ensino Fundamental II em escolas públicas e privadas; e bibliotecários atuando na biblioteca escolar. A escolha dos sujeitos teve o intuito de adquirir um olhar amplo e diferenciado, levando em consideração as percepções e subjetividade de cada grupo distinto.

A coleta de dados tem um papel importante na pesquisa pois busca reunir dados para consecução dos objetivos da pesquisa. O instrumento utilizado para obtenção dos dados foi um questionário que segundo Markoni e Lakatos (1999, p.100), “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. Sua natureza impessoal e caráter anônimo garantem aos respondentes liberdade para expressarem com veracidade possibilitando a coleta de informações e respostas mais reais.

Foram elaborados três questionários, com questões voltadas à leitura nos espaços da escola, sendo um para cada grupo distinto: professores, alunos e bibliotecários. Cada questionário continha oito questões com alternativas para marcar e respostas curtas. (APÊNDICE I, II, III) Todas as perguntas foram elaboradas com o cuidado de conduzir facilmente as respostas buscando abordar as questões mais importantes e pertinentes ao tema pesquisado.

A coleta de dados foi aplicada entre o período de 16 a 25 de agosto de 2019 por ocasião da XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará, realizada em Fortaleza no Centro de Eventos do Ceará. Ela é uma iniciativa do Governo do Estado do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura (Secult), em parceria com o Instituto Dragão do Mar e apoio do Ministério da Cidadania, através da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura. A programação aberta ao público em geral, incluiu atrações literárias e artísticas, englobando palestras, mesas redondas, conferências, oficinas, contações de histórias, lançamentos de livros e outros eventos literários, além de apresentações com artistas de reconhecimento local, nacional e internacional. Por se tratar de um evento de incentivo à leitura de grande proporção, reuniu em um só local um público amplo e diverso, incluindo professores e alunos da rede pública de ensino do município de Fortaleza e cidades próximas, bem como professores e alunos de escolas privadas.

Na ocasião também foi promovido o IV Salão do Professor, que trouxe palestras, oficinas e bate-papos sobre a leitura na perspectiva do ensino e da educação, atraindo um número considerável de professores que atuam em instituições de ensino.

Os questionários foram aplicados ao longo do evento, após uma breve apresentação pessoal com ótima receptividade por todos. Foram obtidos um total de **cinquenta e nove questionários**, que, divididos entre os três grupos alvo abrangeram:

- 16 (dezesesseis) professores, sendo 9 (nove) de escolas públicas e 7 (sete) de escolas privadas;
- 42 (quarenta e dois alunos), sendo 16 (dezesesseis) de escolas públicas e 26 (vinte e seis) de escolas privadas;
- 1(um) bibliotecário de uma escola privada.

Pelo fato de não haver um número significativo de bibliotecários escolares na Bienal, a pesquisa foi complementada através do contato com profissionais que atuam em bibliotecas escolares. As respostas ao questionário foram recebidas por e-mail e WhatsApp, totalizando sete bibliotecários (Quadro 1).

QUADRO 1 - QUANTIDADE DE QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

	ALUNOS	PROFESSORES	BIBLIOTECÁRIOS
PÚBLICO	16	9	0
PRIVADO	26	7	7
TOTAL	42	16	7

FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

A definição da amostra na abordagem qualitativa baseia-se na necessidade de aprofundar e de compreender um grupo social, uma organização, uma instituição ou uma representação (MINAYO, 2004, p. 102). O método de definição da amostra é o de acessibilidade ou por conveniência. Gil (2002, p. 104) salienta que esse tipo de amostragem é muito aplicado em estudos exploratórios ou qualitativos, dos quais não se requer elevado nível de precisão.

6 ANÁLISE

Este capítulo apresenta os resultados obtidos através dos dados coletados nos questionários respondidos, conforme os três grupos selecionados: Aluno, Professor e Bibliotecário Escolar. Inicialmente, os questionários foram classificados de acordo com o caráter de ensino da instituição, se público ou privado. Esta comparação buscou compreender o perfil das instituições, considerando as implicações diante do contexto por trás das respostas dos respectivos questionários.

Com a finalidade de obter uma visão abrangente sobre a leitura no ambiente escolar, houve o cuidado de examinar esse aspecto através de vários olhares diferentes, considerando três pontos de vista distintos dentro do contexto do ambiente escolar.

Primeiramente, os alunos do ensino fundamental II (6^o-9^o ano) por serem o foco deste estudo e estarem num período de adaptação e desenvolvimento de sua independência e maior autonomia nos estudos, permitindo o uso de ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação.

Em segundo lugar, os professores, que nessa etapa de ensino, lecionam disciplinas específicas e buscam diversificar o processo ensino-aprendizagem tornando a construção do conhecimento mais divertida e interativa para o aluno.

Terceiro, os bibliotecários, que na grande maioria das escolas ainda não ocupam o espaço da biblioteca, mas que tem papel fundamental na mediação e incentivo à leitura na escola. É importante ressaltar que a Resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia CFB nº 199/2018, requer presença obrigatória de um bibliotecário supervisor, responsável por um grupo de no máximo quatro bibliotecas.

Cada respectivo grupo foi analisado com base nas respostas obtidas dos questionários respeitando a individualidade e contexto no qual se inserem refletindo sobre as realidades e oportunidades vivenciadas.

6.1 Olhar da perspectiva do Aluno

O Ensino Fundamental II, também denominado como Ensino Fundamental - anos finais, é uma das etapas do ensino básico de educação no Brasil, que compreende do 6^o ao 9^o ano, atendendo estudantes na faixa etária de 11 a 14 anos. Esse mesmo período corresponde à transição entre infância e adolescência, marcada por intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas,

sociais e emocionais. Para Oliveira, Bossa e Limongi (1998, p. 227) “a adolescência é uma fase singular da vida devido à ocorrência simultânea de um conjunto de mudanças evolutivas na maturação física, no ajustamento psicológico e nas relações sociais.”

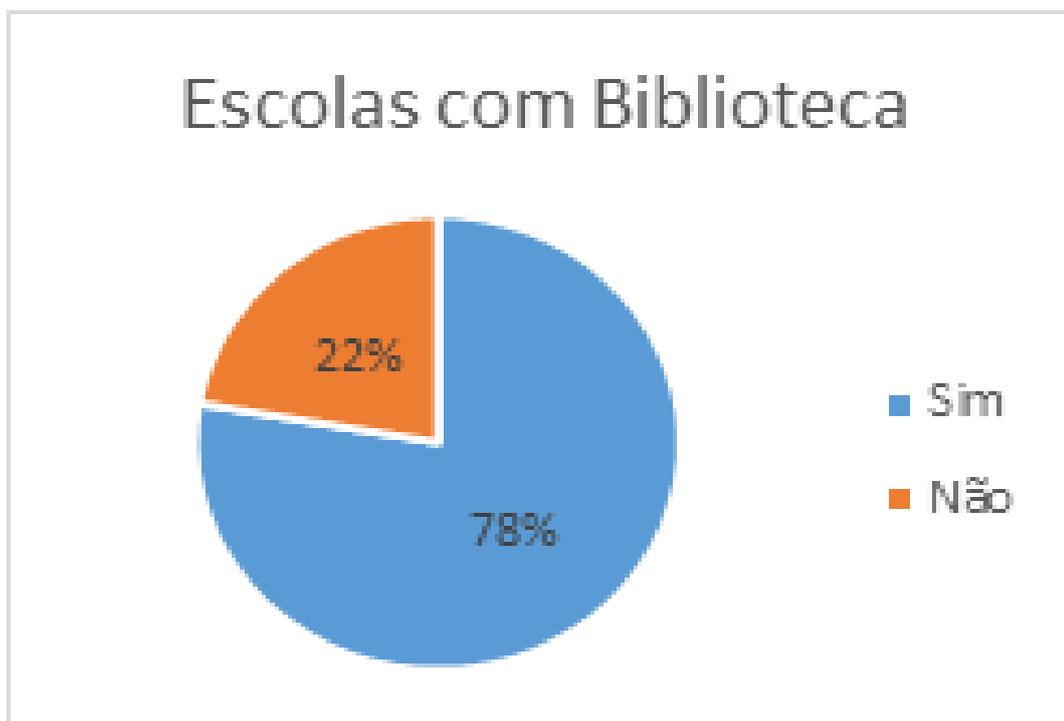
Paralelo a esta transformação biológica também existem outras modificações relacionadas ao ensino que ocorrem durante o período de transição entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Muitas vezes acontece a troca de escola, novos colegas de classe e principalmente uma nova e intensa rotina de sala de aula. O ensino nessa etapa tem por objetivo trazer maior complexidade com disciplinas mais específicas, vários professores, além de trabalhar conteúdos mais aprofundados, fazendo com que os alunos se sintam desafiados constantemente.

Considerando todos estes fatos, pode-se deduzir que nesse período o aluno passa por um momento de ruptura, onde ocorre um rompimento ou quebra violenta da rotina escolar anterior, fazendo com que seja atribuída à leitura um peso ou dever. Aquele encantamento pela descoberta na alfabetização e o desejo de adentrar no mundo mágico nas asas da leitura, transforma-se em uma gaiola que impossibilita o leitor a alçar voo em busca de novos horizontes. Zilberman (2002) aponta alguns sentimentos provocados pela escola quando diz que:

Raras vezes a escola, seu aparato, como salas de aula, seus instrumentos, como o livro didático, e a sua metodologia, como a execução do dever de casa, provocam lembranças aprazíveis de leitura. As atividades pedagógicas provocam tédio, quando não são vivenciadas como aprisionamento, controle ou obrigação. (ZILBERMAN, 2002, p. 27).

A questão inicial *Sua escola tem biblioteca?* teve por finalidade identificar se as escolas possuem um espaço que ofereça acesso à “...livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (CFB, 2018). Também sendo considerado um espaço dinâmico de aprendizagem, com acesso a informações digitais e ambiente sociocultural. Das 27 escolas contempladas, (78%) dos alunos afirmaram que *sim*, sua escola possui biblioteca e 22% disseram que a escola *não* possuía (Gráfico 1).

GRÁFICO 1 - ESCOLAS COM BIBLIOTECA

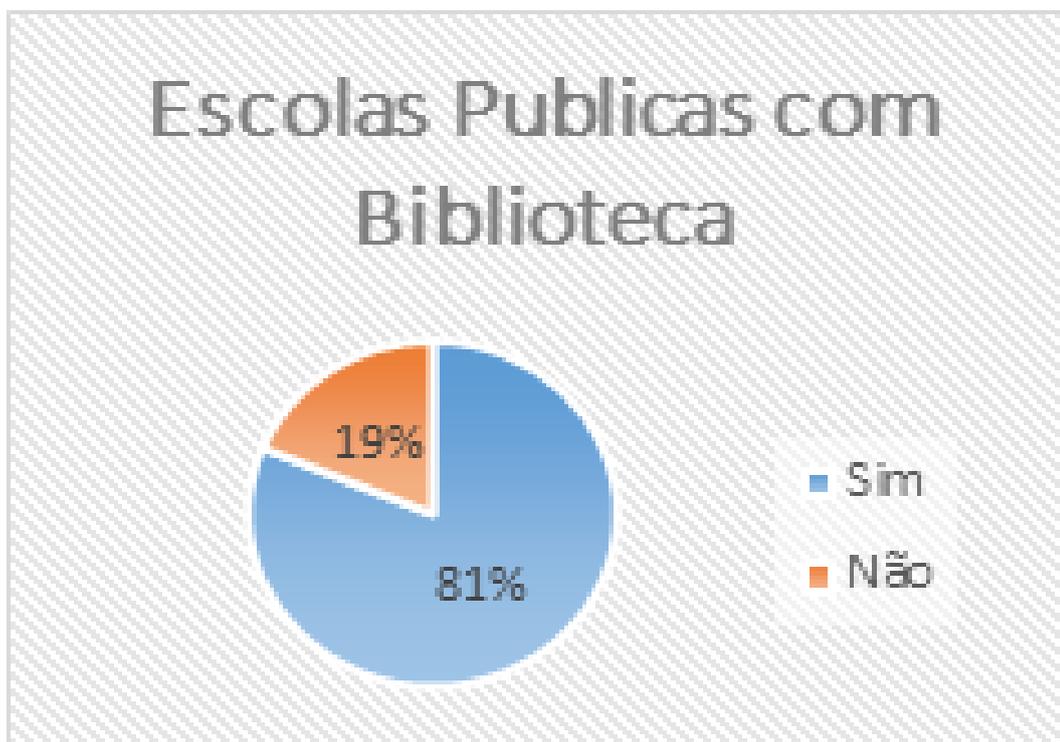


FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Ao distribuir a composição das escolas entre a classificação de entidade pública ou privada, houve um resultado inesperado, pois 81% das escolas públicas afirmaram ter bibliotecas (Gráfico 2), enquanto no caso das escolas privadas, o resultado foi de 73% (Gráfico 3). Ressalta-se que não se tem como certificar se esses espaços são apenas centros de multimeios ou salas de leitura, equivocadamente considerados como bibliotecas.

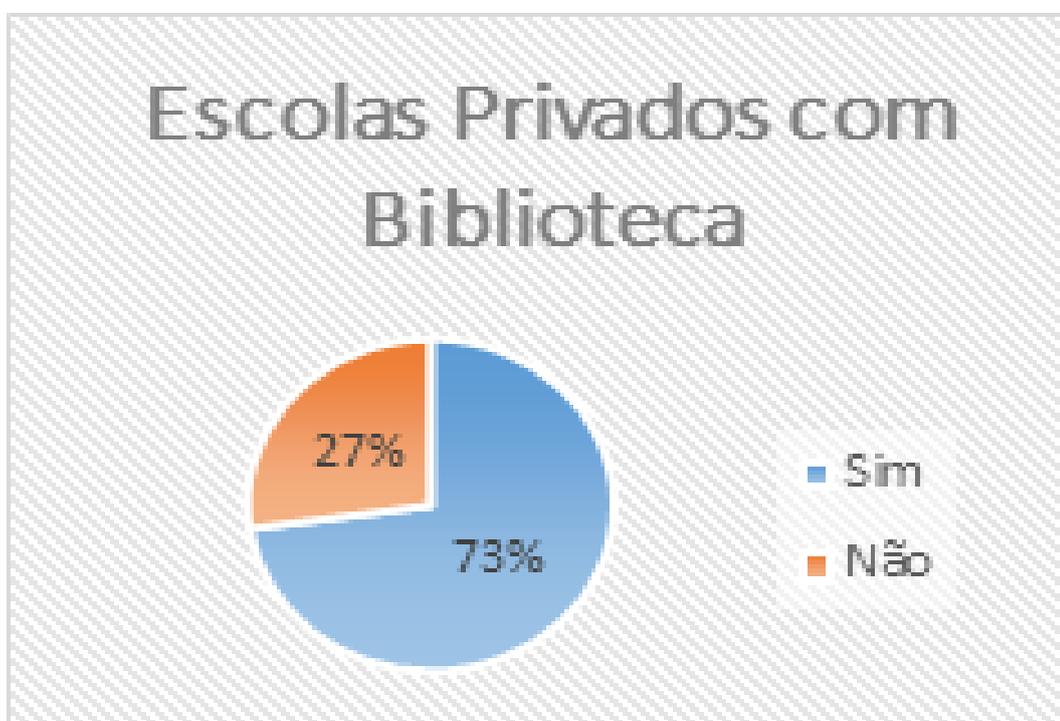
Além disso, foi verificado que ainda existem escolas tanto na esfera pública como privada que não possuem biblioteca escolar nas suas dependências; apesar da Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares (Lei nº 12.244/2010) determinar que todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas devem possuir uma biblioteca até 2020 (BRASIL, 2010). Ainda assim, é frequente encontrarmos escolas que não tem se preocupado em se adequar às leis para oferecer aos alunos acesso à literatura e um espaço que estimule o gosto pela leitura.

GRÁFICO 2 - ESCOLAS PÚBLICAS COM BIBLIOTECA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

GRÁFICO 3 - ESCOLAS PRIVADAS COM BIBLIOTECA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

A respeito da necessidade e importância da biblioteca no ambiente escolar (Questão 4), houve unanimidade entre as respostas pois 100% dos alunos

reconheceram o valor e potencial que a biblioteca oferece. Contudo, sua relevância é fragilizada ao nos depararmos com o índice de alunos que frequentam e participam das atividades desenvolvidas na biblioteca escolar.

Ao perguntar aos alunos se estes frequentam a biblioteca da escola (Questão 2), constatou-se que a maioria, 25 alunos (60%), só vão a biblioteca escolar às vezes, enquanto que, **13 alunos (31%), nunca** frequentaram a biblioteca escolar e apenas 4 alunos (9%) afirmaram que *sempre* frequentam este espaço (Gráfico 4). Isso aponta para uma necessidade de aprofundar o estudo dos motivos que levam para a falta de interesse dos alunos em frequentar a biblioteca escolar e utilizá-la como meio de desenvolvimento intelectual e social.

GRÁFICO 4 - FREQUÊNCIA DOS ALUNOS A BIBLIOTECA

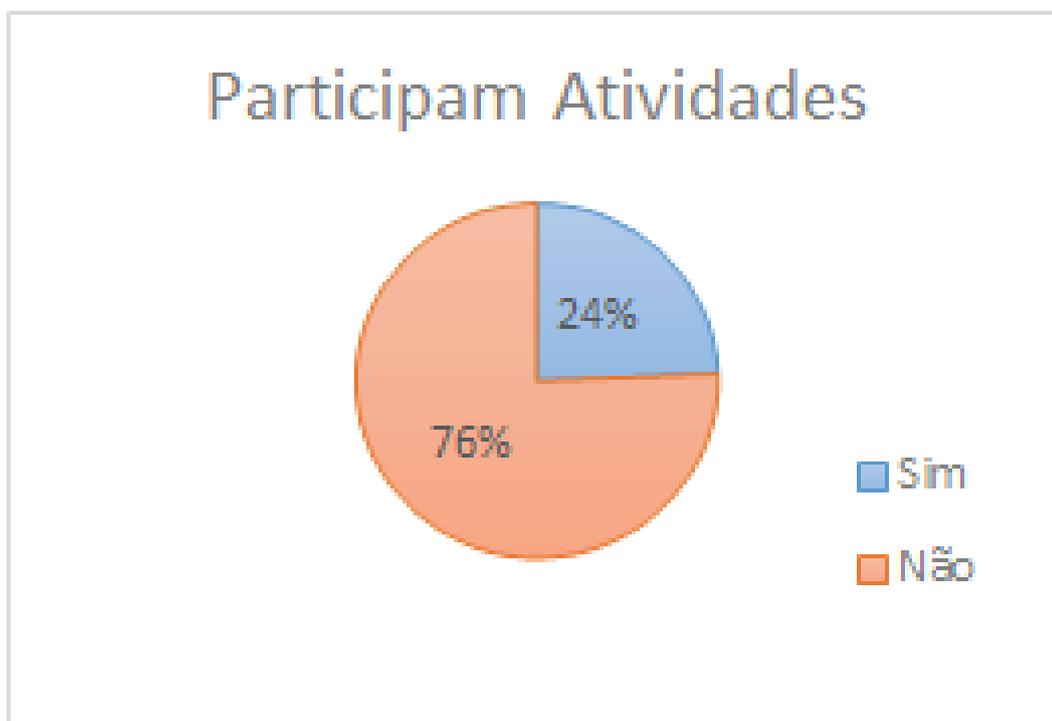


FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Em relação à participação dos alunos nas atividades promovidas pela biblioteca escolar (Questão 3), percebe-se que existe uma presença significativa de 32 alunos (76%) interagindo nas atividades, contrapondo-se aos 10 alunos (24%) que não se envolvem (Gráfico 5). Cabe lembrar da importância de a biblioteca escolar ser parte integrante do planejamento pedagógico, contribuindo com o desenvolvimento dos alunos e estimulando-os à leitura literária dentro e fora da escola. Através da cooperação conjunta entre a coordenação, professores e bibliotecário, haverá uma

sequência de eventos que favoreçam a aproximação do aluno à leitura literária, cultivando hábitos que permanecem ao longo de sua vida.

GRÁFICO 5 - PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES NA BIBLIOTECA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Das atividades mencionadas pelos alunos, predominam aquelas que envolvem o compartilhamento de leituras em grupo ou individuais. Essa relação de troca, onde todos podem contar, recontar e vivenciar proporciona um ambiente descontraído em que os alunos se sintam livres para falar sem medo. Os saraus têm sido uma ótima oportunidade para conceder liberdade para os alunos se expressarem através de poesias, canto e apresentações artísticas. Dentre as atividades citadas pelos alunos desta pesquisa, destacamos duas: *Eu leio, eu conto e o Troca-troca*. Ambas se utilizam das relações sociais como forma de instigar a leitura dos colegas pois nessa fase da adolescência, seus hábitos e gostos são influenciados pelo grupo. Outro benefício que estas atividades proporcionam é o acesso a outros livros, que podem ser trazidos pelos próprios alunos e ou professores.

Ao indagar sobre a importância e necessidade da biblioteca na escola (Questão 4), houve unanimidade (100%) assertiva dos alunos, entretanto percebe-se que muitos ainda não demonstram ações que coincidem com esta afirmação. O

reconhecimento do valor da biblioteca escolar pelos alunos não é garantia de que desfrutem do uso dela. Cerca de um quarto (24%) dos alunos declararam não participar das atividades na biblioteca escolar, apesar de concordarem que ela é imprescindível. Será que as práticas aplicadas na biblioteca escolar são pensadas e realizadas considerando os desejos e interesses dos alunos ou são só mais um trabalho com objetivo didático?

De acordo com Carvalho (2002, p. 23)

a escola que pretenda investir na leitura como ato verdadeiramente cultural não pode ignorar a importância de uma biblioteca aberta, interativa, espaço livre para expressão genuína da criança e do jovem. Lugar, insistimos, para se gestar e prática a troca espontânea que a leitura crítica proporciona, a leitura inquieta que faz pensar e reelaborar num autêntico processo de comunicação, cujo resultado é, sem dúvida, dos mais compensadores para as pessoas nele envolvidas, adultos e crianças, mediadores e leitores em formação.

Entre as respostas dadas pelos alunos para justificar o porquê de a biblioteca ser importante e necessária, foram identificados dois aspectos predominantes relacionados a leitura: o aprendizado/desenvolvimento e o incentivo/gosto.

O aprendizado e o desenvolvimento estão inter-relacionados e contribuem na formação do indivíduo. Desde o momento do nascimento, o meio físico ou social influencia no aprendizado das crianças de modo que chegam às escolas com uma série de conhecimentos adquiridos. O aluno não é uma página em branco, ele traz consigo uma história singular de saberes, descobertas e vivências. Na escola desenvolvem outros tipos de conhecimento que juntos formam um indivíduo em constante transformação. O verdadeiro aprendizado busca aquilo que o ser humano tem de melhor: criatividade, autonomia, condição de sujeito ativo e não de objeto a ser moldado.

As respostas obtidas apontam o aprendizado e desenvolvimento como motivação mais significativa com dezesseis (16) alunos do total de trinta e seis (36), citando como justificativa da importância e necessidade da biblioteca escolar. Observa-se o uso repetitivo de palavras derivadas do termo aprendizado nas falas dos alunos a respeito da importância da biblioteca escolar: “*Para melhorar o aprendizado*”, “*Para ter mais chances de aprender*”, “*desenvolver o aprendizado*” e “*aprender mais*”. Fica evidente nestas afirmações que os alunos entendem a aprendizagem/desenvolvimento como um processo contínuo, onde são somadas a

bagagem existente, novas experiências e conteúdos adquiridos ao longo de suas vidas, seja no ambiente escolar ou não. Também revela o entendimento dos alunos quanto ao potencial que a biblioteca escolar possui como espaço para ampliar e enriquecer seus conhecimentos.

Quanto ao incentivo ou gosto pela leitura, houve oito (8) alunos que expressaram um argumento para legitimar o valor da biblioteca escolar. Novamente foi encontrado nas falas dos alunos, palavras que destacam o sentimento prazeroso da leitura como: “*gostar*”, “*desfrutar*” e “*lazer*”. Pode-se inferir que estes alunos também reconhecem a biblioteca escolar como espaço que propicia um encontro com a leitura estimulando um deleite pessoal. Esse sentimento age como agente propulsor podendo influenciar os gostos de leitura que vão para além dos muros da escola.

Rangel (2009, p. 142) afirma que,

o gosto pela leitura e a formação do leitor pela escola estão alicerçados em práticas de leitura que essencialmente colocam o aluno no lugar do não leitor, porque a cultura da prova, da verificação, afasta o prazer de aprender” (RANGEL, 2009, p 142)

As práticas de leitura na escola devem estimular aprendizado prazeroso onde o aluno não é forçado a ler e reproduzir respostas prontas, mas livre para pensar com autonomia, se expressar e percorrer outros caminhos. Será que os alunos teriam essa mesma sensação se pudessem exercitar uma leitura sem ter a pressão de fazer uma prova ou responder um questionário? E se a leitura fosse feita de forma oral com a turma, instigando a curiosidade a cada novo capítulo, ou mesmo utilizando uma roda de conversa para falar sobre leituras marcantes que estimulem o interesse de outros em fazer a mesma leitura?

Outra questão levantada foi a dificuldade do acesso dos alunos à literatura. O acervo da biblioteca escolar deve ter variedade de obras que atendem os interesses do seu público alvo, além dos livros didáticos e de referência. O aluno 14 relata, “*Tem muitas pessoas que gostam de ler e não podem comprar livros*”, ressaltando a relevância da biblioteca escolar como principal local de acesso dos alunos à literatura, em virtude de muitos alunos não terem condições para adquiri-los.

Ao indagar os alunos a respeito do papel da biblioteca na formação de leitores (Questão 5), mais uma vez, a maioria confirma sua relevância com assertividade. Nas escolas públicas, 13 alunos (81%) afirmaram que *sim* e 3 alunos

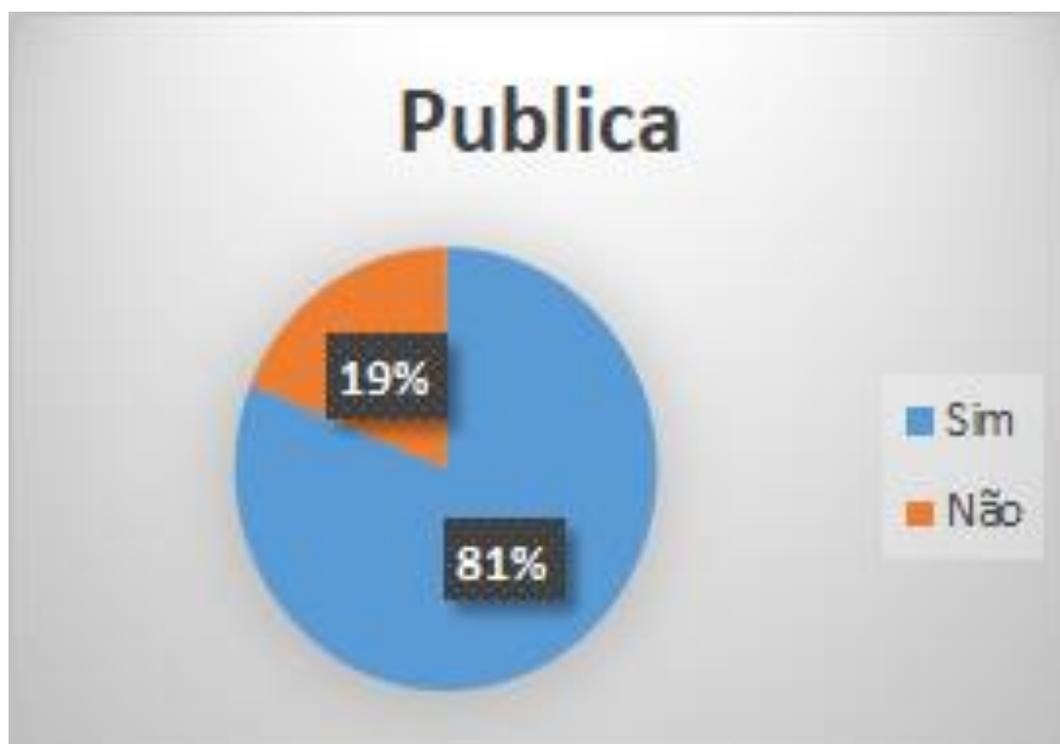
(19%) que *não* (Gráfico 6). Semelhantermente, nas escolas privadas, 24 alunos (92%) disseram que *sim* e somente 2 alunos (8%), que *não* (Gráfico 7).

A biblioteca escolar assume papel fundamental, considerando a importância do acesso às informações na sociedade atual, pois colabora com o processo de ensino-aprendizagem possibilitando o contato com diferentes fontes de informação essenciais tanto para os alunos, quanto professores, demais colaboradores e comunidade. Segundo Campello (2002, p. 17)

a biblioteca ao reunir para uso coletivo e de forma orgânica uma diversificada gama de portadores de textos, representa recurso imprescindível para a formação de leitores capazes de, além de decifrar o código linguístico, saber interpretar o que leem, encontrando significados no texto e desenvolvendo práticas de intertextualidade.

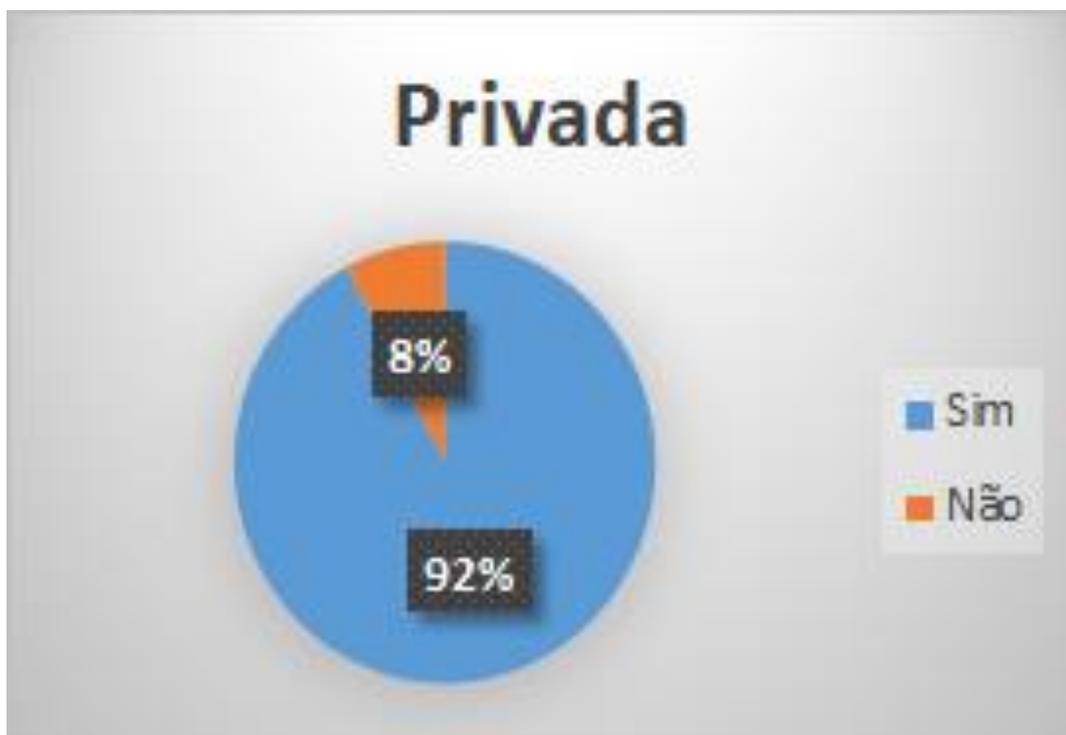
O ambiente da biblioteca escolar torna-se um organismo vivo e imprescindível na dinâmica das escolas para cultivar leitores que descubram novas formas de conhecimento e os aproximem da realidade cultural e social que os cercam. Sendo assim a biblioteca escolar contribui com a formação de cidadãos capazes de lidar com os diferentes textos presentes na sociedade.

GRÁFICO 6 - IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA PÚBLICA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

GRÁFICO 7 - IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO DO LEITOR NA ESCOLA PRIVADA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Somente seis (6) alunos não justificaram resposta, sendo que trinta (30) alunos explicaram o motivo que fundamentou sua afirmação em relação a importância da biblioteca na formação do leitor (Questão 5). Algumas colocações chamaram atenção por perceberem o valor da biblioteca como meio que contribui eficazmente no processo de construção do leitor. Um aluno salienta: *“Porque vamos conhecer mais livros”*, e outro afirma: *“Permite o contato do leitor com o conteúdo”*. Ambos demonstram a importância do encontro do leitor com os livros no espaço da biblioteca escolar. A questão não é o tamanho ou diversidade do acervo, mas o fato de oferecer a possibilidade de o aluno ir ao encontro daquilo que ele deseja e ampliar as possibilidades disponíveis.

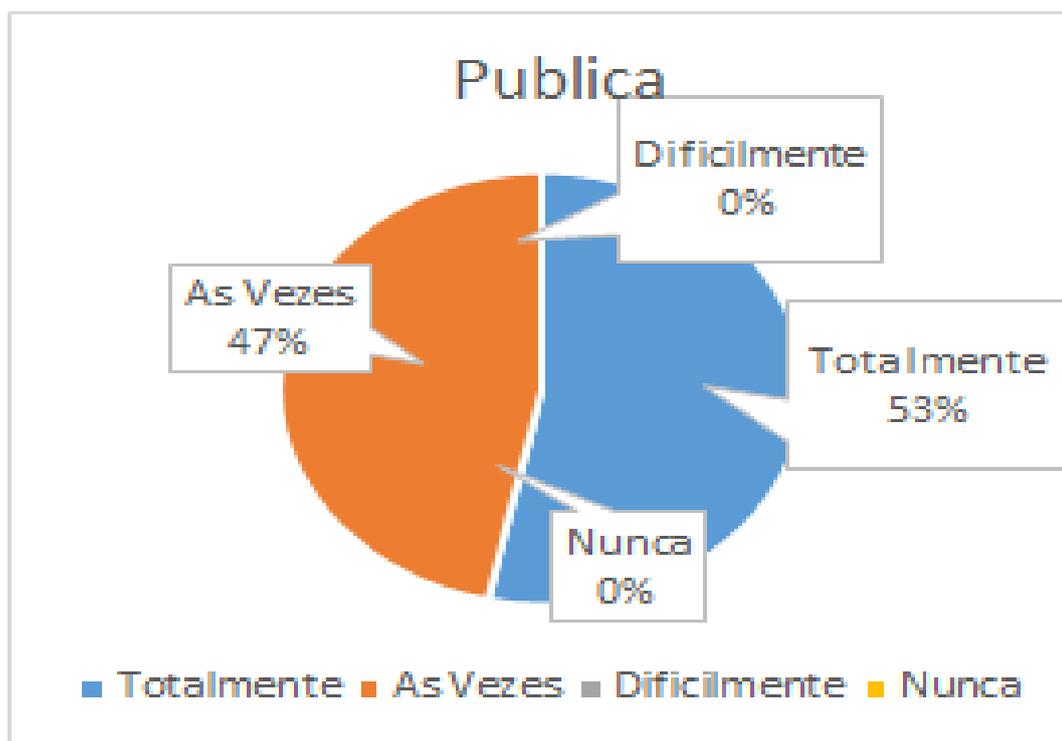
Ao permitir que o aluno exercite a autonomia na prática da leitura, auxilia no processo de construção do leitor. Alguns estudantes relataram que a biblioteca escolar atua como apoio, ajudando no processo de formação do leitor. O aluno 18 ressalta: *“Pois ajuda na formação do leitor”*, e o aluno 8 afirma que é importante *“Pra praticar a leitura”*. Fica claro que eles acreditam ser de grande importância a participação da biblioteca escolar como mediadora no processo de formação do leitor,

atuando de forma dinâmica e propiciando oportunidades para alçar novos conhecimentos.

Além disso, também mencionaram o estímulo à leitura que a biblioteca escolar promove através de ações constantes e planejadas que os atraem a esse espaço. Um aluno afirma que “*A disponibilidade traz mais vontade*”, outro diz que a biblioteca escolar “*é uma estrutura motivacional*”, e outro fala que “*O que conta é a motivação do leitor em ler algo*”. A motivação é um fator importante que influencia a direção a ser tomada e faz com que o indivíduo busque a satisfação de suas necessidades ou desejos. Ela pode ser resultada de um impulso interno como uma força que puxa ou atrai a pessoa a algo ou despertada por uma fonte externa que influencia uma ação. A biblioteca escolar atua como agente fomentador da leitura aliada ao profissional bibliotecário estabelecendo meios que guiam no processo educacional e no enriquecimento cultural dos alunos.

A questão 6, trata do tema norteador desta pesquisa pois indaga aos alunos: *Você se considera livre para escolher suas leituras literárias?* O objetivo aqui era identificar o que pensam os alunos quanto a autonomia que lhes é dada na escolha do que leem e como leem. Cada aluno indicava o termo que melhor descrevia a qualidade com que se reconheciam quanto a sua autonomia: *Totalmente*, *Às vezes*, *Difícilmente* ou *Nunca*. No contexto das escolas públicas, os alunos ficaram divididos entre as alternativas: *Totalmente* (53%) e *às vezes* (47%); sendo que as alternativas *Difícilmente* e *Nunca* não foram contempladas (Gráfico 8).

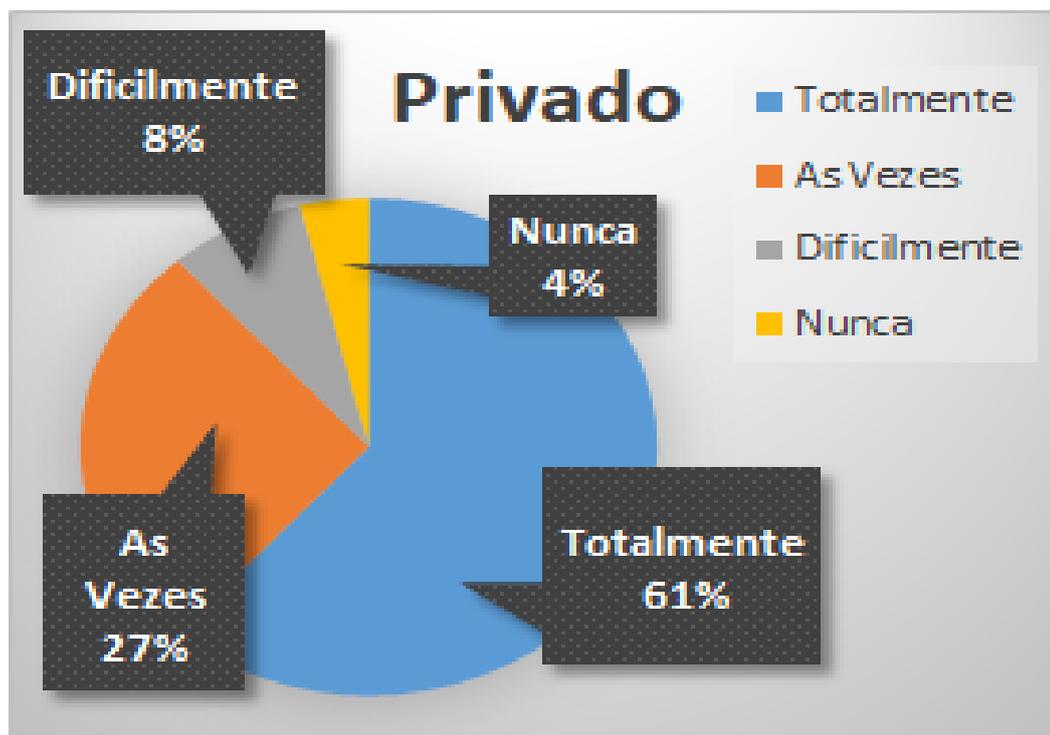
GRÁFICO 8 - AUTONOMIA DOS ALUNOS NA ESCOLA PÚBLICA



FONTE: Elaborada pela autora, 2019.

Já nas escolas privadas, a distribuição dos alunos ficou da seguinte forma: 61% *Totalmente*, 27% *Às vezes*, 8% *Difícilmente* e 4% *Nunca* (Gráfico 9). Grande parte dos alunos afirma possuir total autonomia, mas resta saber se isto se aplica às leituras realizadas dentro da escola ou somente na escolha do livro a ser emprestado pela biblioteca para ser lido em casa ou na hora do intervalo. Outros afirmam que nem sempre tem autonomia, podendo ser atribuída a um trabalho que o professor passa ou mesmo para realização de um evento relacionado a leitura na escola. Desta vez, houve indicação de alguns alunos que a escola dificulta ou até impede a autonomia na escolha de suas leituras literárias. Essa cena faz pensar no silenciamento que a escola produz. Parece que o leitor não tem vontade própria. Ao homogeneizar a leitura na escola, os alunos são tolhidos de suas preferências, interesses e curiosidades compelindo-os a se moldarem a um padrão uniforme.

GRÁFICO 9 - AUTONOMIA DOS ALUNOS NA ESCOLA PRIVADA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

A fim de verificar a opinião dos alunos concernente ao que a leitura proporciona ao indivíduo, a questão 7 solicitou que fossem marcadas as áreas que acreditam ser formas de leitura válidas. Foram indicados quatro aspectos distintos: *Adquirir Conteúdo*, *Desenvolver Competência Crítica*, *Lazer*, e *Prazer*. Com intuito de analisar as áreas proeminentes foi produzido um quadro comparativo dos resultados obtidos dentro das escolas públicas e privadas (Quadro 2).

QUADRO 2 - COMPARATIVO ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS (ALUNOS): A LEITURA COMO FORMA DE

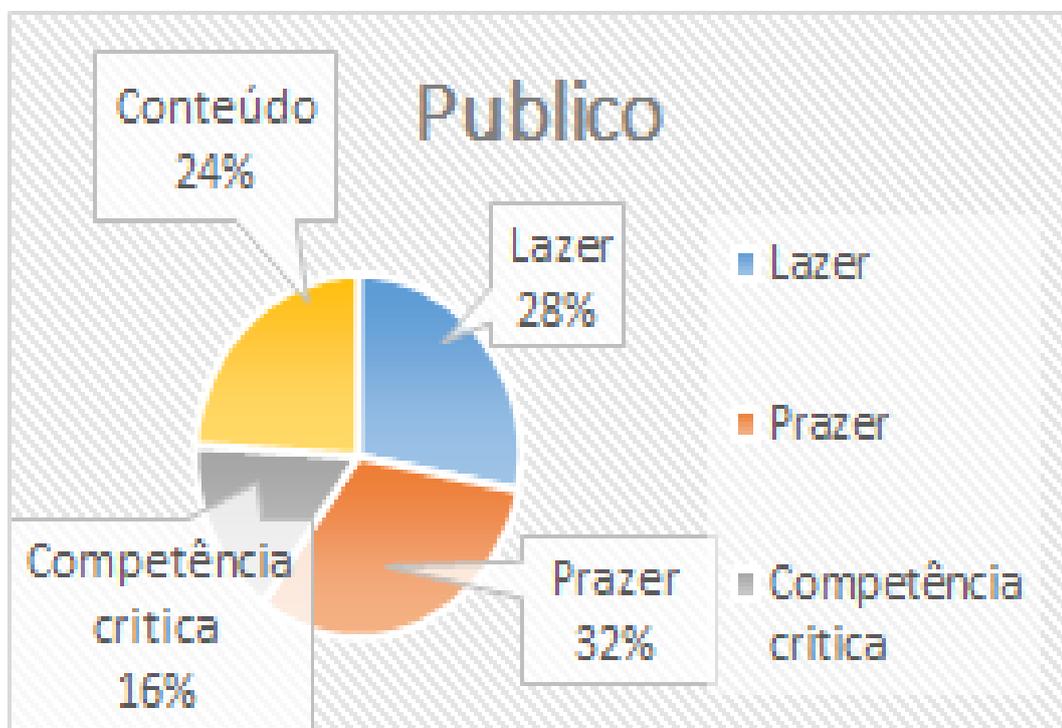
	PÚBLICO	POSIÇÃO	PRIVADO	POSIÇÃO
Adquirir Conteúdo	6	3º	10	1º
Desenvolver Competência Crítica	4	4º	4	4º
Lazer	7	2º	10	2º
Prazer	8	1º	8	3º

FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Foi verificado que dentre os alunos das escolas públicas que participaram da pesquisa, o *prazer* obteve maior índice, seguido pelo *lazer* que juntos totalizaram

60% dos alunos. Já as áreas de *adquirir conteúdo* e *desenvolver competência crítica* ficaram na 3ª e 4ª posição (Gráfico 10).

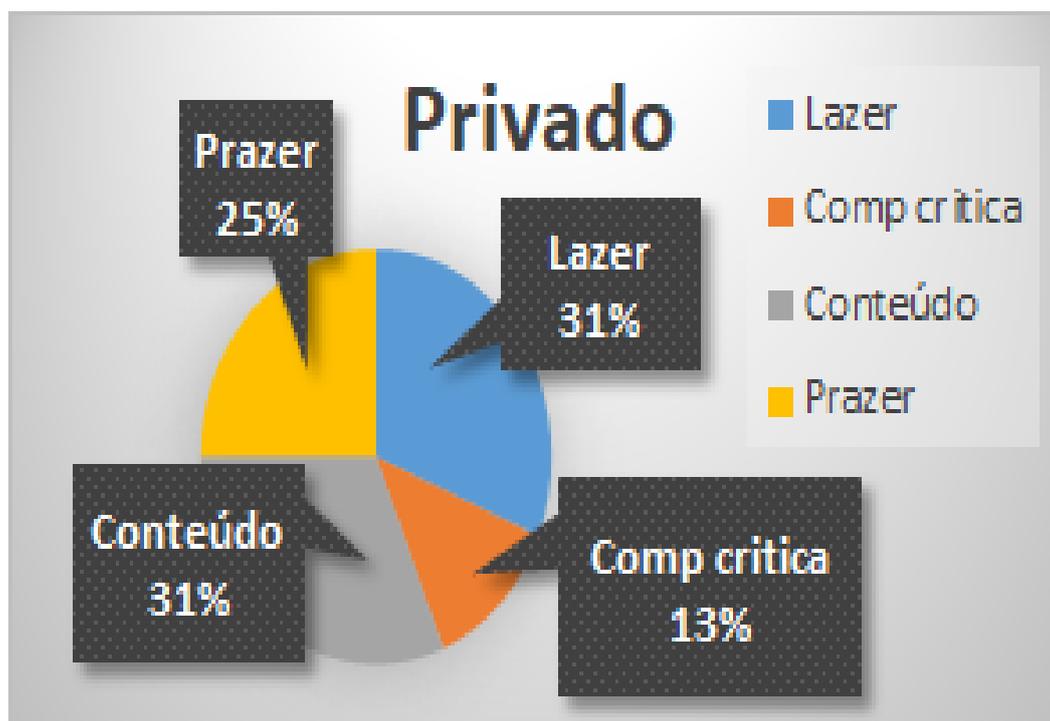
GRÁFICO 10 - COMO ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA VEEM A LEITURA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Nas respostas dos alunos das escolas privadas os aspectos do *lazer* e *adquirir conteúdo* obtiveram o mesmo índice que somados totalizam 62%. O *prazer* veio em seguida com indicação de 25% dos alunos e por último *desenvolver a competência crítica* com 13% (Gráfico 11).

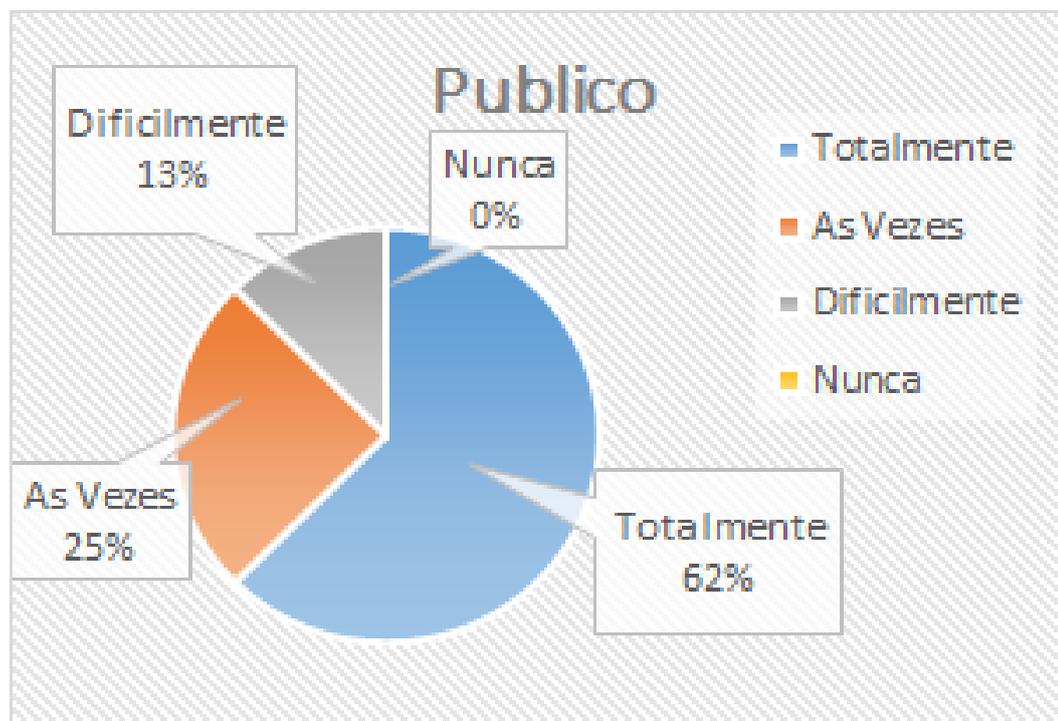
GRÁFICO 11 - COMO ALUNOS DA ESCOLA PRIVADA VEEM A LEITURA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

A última questão (Questão 8), procurou averiguar se os professores incentivam os alunos a frequentarem a biblioteca escolar. Constatou-se que entre os alunos das escolas públicas, o nível *totalmente* atingiu 62%, seguindo por *às vezes* com 25%, e *difícilmente* obteve 13% (Gráfico 12). Mesmo com índice alto dos professores que incentivam o uso da biblioteca, observa-se no Gráfico 4 - Frequência dos Alunos na Biblioteca, que a maioria dos alunos infelizmente não utilizam esse espaço.

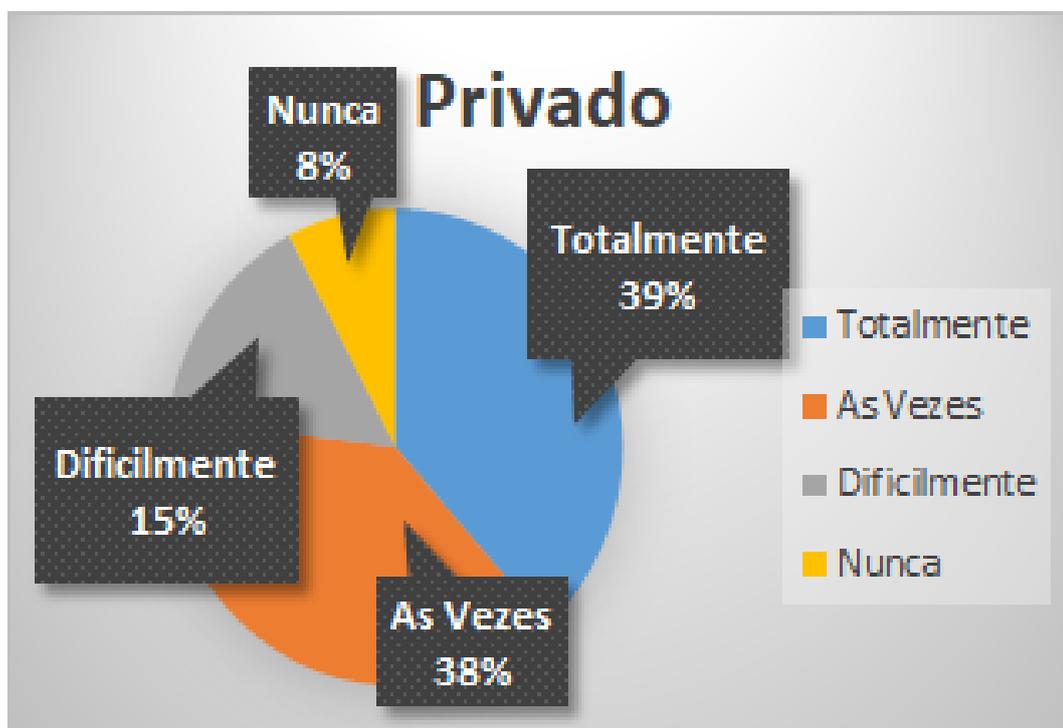
GRÁFICO 12 - INCENTIVO DOS PROFESSORES AO USO DA BIBLIOTECA NA ESCOLA PÚBLICA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Em contrapartida, nas escolas privadas, somente 39% dos alunos indicaram o nível *totalmente*, enquanto às vezes obteve um índice muito próximo, com 38% dos alunos. Estes números demonstram que as escolas ainda carecem de um esforço conjunto dos professores para incluir a biblioteca escolar nas atividades de ensino-aprendizagem bem como incentivar os alunos a frequentar e utilizar esse espaço através do estímulo e exemplo. Observou-se que o nível *difícilmente* alcançou 15% dos alunos das escolas privadas e houve 8% que afirmaram que seus professores *nunca* os incentivam a utilizar a biblioteca escolar (Gráfico 13).

GRÁFICO 13 - INCENTIVO DOS PROFESSORES AO USO DA BIBLIOTECA NA ESCOLA PRIVADA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019

Considerar o olhar do aluno tem valor significativo tendo em vista que são os principais protagonistas no ambiente escolar, pois é para eles que a escola existe. Ver o aluno como protagonista de seu aprendizado significa, entre outras coisas, oferecer a ele autonomia, estimulando-o a buscar informação e a construir conhecimento caminhando com as próprias pernas. Todos nós temos algo a ensinar e muito a aprender. Esse trabalho significa dar voz a todos, enxergando cada um em sua particularidade com uma capacidade de construir. Assim, promove diversos benefícios para o aluno, como, por exemplo, estimular a criatividade, melhorar a cooperação, e ter consciência do seu papel na sociedade.

6.2 Olhar da perspectiva do Professor

Para que o professor possa fazer um bom trabalho, ele precisa conhecer o seu aluno, suas descobertas, hipóteses, crenças e opiniões, desenvolvendo diálogo criando situações onde o aluno possa expor aquilo que sabe. Precisa valorizar seus conhecimentos prévios, trabalhar a partir deles, estimular as potencialidades dando a

possibilidade para superarem suas capacidades e ir além do seu desenvolvimento e aprendizado. Rangel (2009, p. 26) afirma que,

[...] o professor é o facilitador do aprendizado da leitura, intervindo em situações pontuais, sem impor um fazer padrão, favorecendo a troca de opiniões entre os alunos para que as proposições e as contradições surjam [...]

Ao professor, é importante os conhecimentos específicos e sua função é ensinar, mas também é de total importância o relacionamento professor–aluno, porque não basta ter conhecimento teórico e experiência, é preciso a cada nova turma incitar os alunos para que aprendam, criar motivações para desenvolver o processo de aprendizagem. As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social.

A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa (BRASIL, 2016, p. 56).

O desenvolvimento humano depende da afetividade que é tão importante quanto a inteligência. Ambos permitem ao indivíduo a construção de noções sobre as situações em que vivem, os objetos e as pessoas contribuindo para a construção de si mesmo e de sua visão do mundo. Ou seja, a relação professor e aluno depende, essencialmente, do clima da sala de aula, da relação empática que o professor consegue estabelecer com seus estudantes, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir no nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes necessárias entre para a concretização do processo de ensino-aprendizagem. O professor deve contribuir para o processo de humanização na escola, desenvolvendo atitudes, habilidades e valores para sua transformação e da realidade, buscando estabelecer vínculos afetivos e de comunicação entre professor / aluno.

O professor é elemento fundamental para que o aluno tenha interesse pela leitura. A obra *Biblioteca na Escola* destaca as situações que devem ser oportunizadas pelo professor no processo de formação do leitor:

O professor que pretende levar seus alunos a proficiência leitora precisa empenhar-se em fornecer variadas oportunidades, quer dizer, provocar situações diversas, em que a leitura se faça necessária por diferentes - e reais

- motivos. [...] busque o diálogo, instigue, pergunte, questione e, acima de tudo, valorize as escolhas e leituras dos alunos. (PEREIRA, 2006, p. 21-22)

Para que haja um desempenho no desenvolvimento do estudante, é necessário que ele seja estimulado, ou seja o professor atua como mediador, participando do ensino, orientando, estimulando e criando um ambiente propício para o desenvolvimento literário do aluno.

O questionário a ser respondido pelos professores procurou abordar os temas relacionados à leitura e a biblioteca escolar com a finalidade de olhar por outro ângulo, considerando desta vez as opiniões dos profissionais que atuam na sala de aula.

A questão inicial (Questão 1) pergunta se os professores utilizam a biblioteca escolar nas atividades de leitura em sala de aula. Nas escolas públicas, 100% dos professores que responderam o questionário afirmaram que *sim* (Gráfico 14). Ao realizar as atividades de leitura nesse ambiente, fazem com que a biblioteca se torne uma extensão da sala de aula. Em contrapartida somente 78% dos professores das escolas privadas responderam sim, e 22% disseram que *não* utilizam o espaço da biblioteca (Gráfico 15).

GRÁFICO 14 - USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR PELOS PROFESSORES NAS ESCOLAS PÚBLICAS



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

GRÁFICO 15 - USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR PELOS PROFESSORES NAS ESCOLAS PRIVADAS



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Semelhante às respostas dos alunos, os professores foram unânimes em afirmar na questão 2 que a biblioteca tem suma importância na formação do leitor. Entretanto, alguns agem como se fosse um espaço em desuso, muitas vezes sugerindo pesquisas aleatórias na internet. Ao indagar a respeito da motivação por trás desta afirmação, pode-se observar nas respostas dos professores dois aspectos primordiais: o acesso à literatura e a mediação da leitura.

Permitir que o aluno tenha livre acesso a biblioteca oportuniza o encontro para olhar, folhear e escolher o que deseja. Da mesma forma que um sujeito passeia pelos corredores do supermercado, olhando, a procura daquilo que quer, na biblioteca escolar o aluno também precisa ter liberdade para encontrar aquilo que deseja. Como ter acesso se a biblioteca está inacessível? Vários professores entendem que a leitura expande o conhecimento e possibilita novos caminhos, conforme relatos abaixo:

*Onde os livros estão ao alcance dos olhos e disponíveis a leitura.
(PROFESSOR 6, 2019)*

*A biblioteca pode ser uma ponte para que crianças e adolescentes possam ter acesso a livros que muitas vezes não tem condições de comprá-los.
(PROFESSOR 9, 2019)*

O acesso a literatura tem um potencial imenso de abrir a mente das crianças e adolescentes para realidade que talvez não teriam só convivendo em seu contexto social. Quanto mais uma criança está imersa em um mundo de leitura ela também estará em um mundo de cultura vasta e produtiva. Abrirá seus horizontes lhe proporcionando sonhar e realizar. (PROFESSOR 3, 2019)

Porque abre caminhos para um futuro melhor. (PROFESSOR 4, 2019)

Acredito que a leitura saudável contribui para o desenvolvimento do indivíduo, formando-o criticamente e expandindo sua visão de mundo. (PROFESSOR 5, 2019)

A respeito da escolha das obras para leitura dos alunos na questão 3, as respostas indicaram de forma majoritária que é realizada pelos coordenadores e professores no planejamento pedagógico da escola. Foram observados alguns termos que indicam os critérios utilizados pelos mesmos quando da escolha das obras literárias baseado na *faixa etária, idade da criança, nível, faixa de ensino, tema atuais, e temas estudados*. Neste processo, as leituras são sugeridas e indicadas de forma arbitrária e generalizada para os alunos, sem levar em conta a singularidade de cada um. Independente do aluno ter a mesma idade e estar no mesmo nível de ensino, cada um tem uma individualidade com preferências e interesses diferentes.

Também se verificou que algumas escolas dão autonomia aos alunos na escolha das obras a serem lidas. Destacamos as seguintes respostas dadas pelos professores que demonstram esse processo onde o aluno participa de forma ativa:

Por meio do gosto dos alunos, e o acervo da biblioteca. (PROFESSOR 1, 2019)

Por afinidade dos mesmos. (PROFESSOR 2, 2019)

Por meio do desejo e interesse do aluno. (PROFESSOR 7, 2019)

A partir de rodas de conversa com os alunos. (PROFESSOR 7, 2019)

Ao permitir que o aluno participe no processo de escolha da leitura, as escolas possibilitam não somente o livre acesso às estantes, mas, além disso, concedem liberdade para imaginar, indagar e inquietar suas descobertas, bem como vivenciar o prazer da leitura.

Ao questionar os professores: *Quais as práticas adotadas para estimular a leitura por prazer?* (Questão 4) foi constatado que a maioria utiliza a sala de aula como espaço primordial, modificando apenas as metodologias aplicadas. Dentre as práticas citadas houve: *o dia D da leitura, encenações cênicas, Chá literário, contos maravilhosos, livros de aventura, leitura compartilhada, uso de mídias, contação de*

histórias, exposição de livros, teatro, e projetos de leitura. Percebe-se que a maioria das atividades realizadas envolve a ludicidade como estratégia para conquistar o interesse dos alunos. Outras técnicas buscam envolver o aluno permitindo que se expresse de forma oral ou artística.

Entretanto, somente três professores citaram o uso do espaço da biblioteca escolar como parte integrante das ações relacionadas à leitura, sendo todos da rede privada de ensino. O professor 1 relata que realiza “*Aulas na biblioteca*”, já o professor 7 afirma que promove “*Idas à biblioteca da escola ou externas*” e o professor 9 declara: “*Em nossa escola pelo menos uma vez por mês acontece o momento da leitura em que uma aula é destinada apenas para leitura.*” Apesar desses professores confirmarem o uso da biblioteca escolar nas suas práticas de leitura, será que eles buscam nutrir nos alunos a leitura por prazer?

Como validar o discurso dos professores se este não corresponde à prática? Blattmann e Vianna (2016, p. 170) enfatizam o papel fundamental dessa consciência pelos professores.

A biblioteca escolar é um espaço que apresenta múltiplas funcionalidades e é de extrema importância para o desenvolvimento pedagógico das escolas. Porém, para que ela possa de fato contribuir na formação escolar, é preciso que a escola por intermédio de seus professores e demais educadores tenha consciência de sua importância.

Na questão 5, foi perguntado aos professores se eles incluem e incentivam o uso da biblioteca escolar pelos alunos, obtendo resposta afirmativa de 94% dos mesmos (Gráfico 16). Somente um professor respondeu de forma negativa, enfatizando que: “*Infelizmente, não tenho buscado estratégia para buscar esse prazer na leitura pelos meus alunos.*”

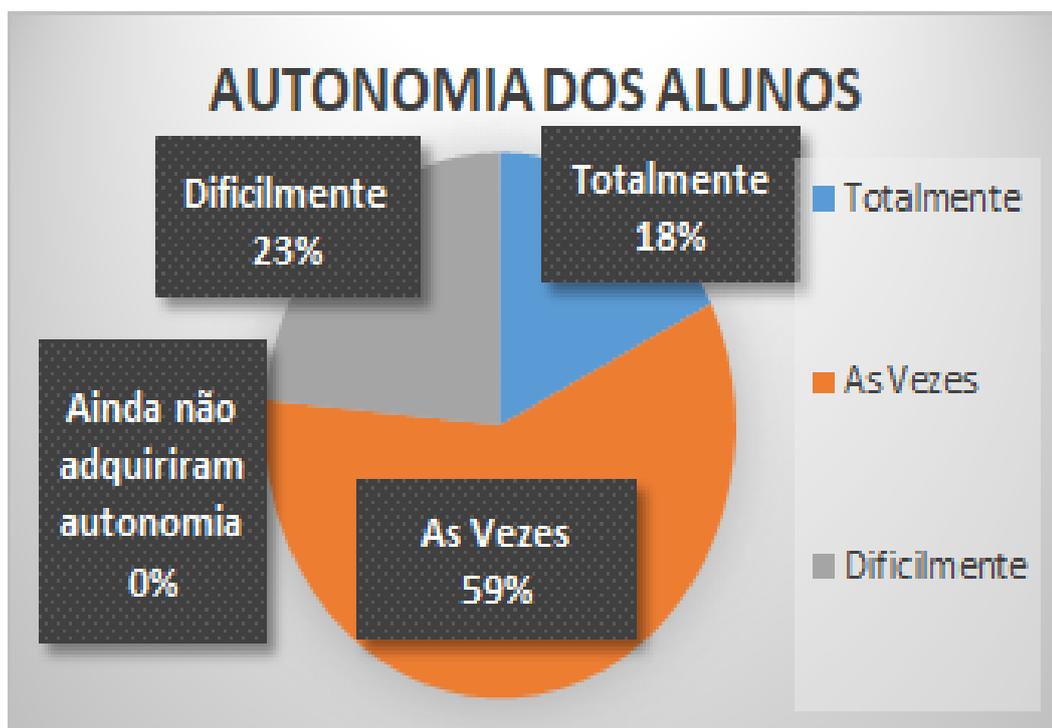
GRÁFICO 16 - INCENTIVO DOS PROFESSORES AO USO DA BIBLIOTECA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Na questão 6, os professores deram sua opinião a respeito do grau de autonomia que acreditam ter os alunos na escolha de suas leituras literárias. Foram aplicados os mesmos parâmetros utilizados na autoavaliação pelos alunos: totalmente, às vezes, dificilmente e ainda não adquiriram autonomia. Dos dezessete (17) professores que participaram da pesquisa, 10 (59%) indicaram que os alunos possuem autonomia às vezes. Outros 4 (23%) acreditam que os alunos *dificilmente* tem autonomia e somente 3 (18%) consideram o grau de autonomia dos alunos ser *totalmente* (Gráfico 17). Isso revela as limitações que os alunos têm para escolher suas próprias leituras baseado nos seus interesses pessoais. Corrobora também com os relatos da questão 3 que demonstram que as escolhas são realizadas de forma hierárquica, ou seja, de cima para baixo pelo corpo pedagógico.

GRÁFICO 17 - AUTONOMIA DOS ALUNOS NA ESCOLHA LITERÁRIA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Finalmente, os professores expressaram como consideram a leitura: uma forma de *Lazer, prazer, adquirir conteúdo, desenvolver competência crítica* ou *outros*. Foi elaborado um quadro comparativo entre as respostas dos professores das escolas privadas e públicas, observando a colocação das alternativas de acordo com os resultados obtidos (Quadro 3).

QUADRO 3 - COMPARATIVO ENTRE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS (PROFESSORES): A LEITURA COMO FORMA DE:

	PÚBLICO	POSIÇÃO	PRIVADO	POSIÇÃO
Desenvolver Competência Crítica	6	1º	8	1º
Prazer	4	2º	7	2º
Adquirir Conteúdo	3	3º	6	3º
Lazer	3	3º	5	4º

FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Em ambas as escolas públicas e privadas, os professores consideram o *desenvolvimento da competência crítica* como principal finalidade da leitura na escola.

Em segundo lugar, foi indicado o *prazer*, como importante aliado nesse processo, pois age como motivação pessoal que promove a satisfação e deleite pela leitura ultrapassando os muros da escola e permeando a vida. Nas escolas públicas, adquirir conteúdo e lazer obtiveram a mesma posição, em terceiro lugar. Já nas escolas privadas adquirir conteúdo ficou em terceiro e lazer em quarto.

As mudanças na sociedade e o advento da tecnologia trouxeram novos desafios e novas possibilidades, mas não mudaram o fato de que o professor continua sendo peça importante para criar gerações mais bem preparadas para lidar com os desafios do mundo. Como facilitadores, tem a incumbência de mostrar o caminho para que os alunos se tornem progressivamente mais independentes, motivados pelas descobertas que podem ser feitas no dia a dia e preparados para uma vida inteira de estudos e aprendizado. É necessário ter intencionalidade e disponibilidade para instigar o aluno a abraçar o conhecimento, provocar reflexões, fazer conexões contribuindo para a construção de alunos autônomos e críticos.

6.3 Olhar da perspectiva do Bibliotecário

O Bibliotecário escolar apresenta particularidades que o diferenciam dos bibliotecários que atuam em outras unidades de informação. Além de conhecer as técnicas adquiridas durante sua formação, deve apresentar qualidades que o possibilitem promover uma leitura prazerosa e autônoma na biblioteca escolar. De acordo com Bicheri e Almeida Junior (2013, p. 47), “O bibliotecário escolar é aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como um agente de transformação social.” Para tal é necessário que reconheça os gostos e aptidões de seus leitores, fazendo assim uma leitura de seus leitores.

O bibliotecário, profissional habilitado para trabalhar com fontes, recursos informacionais e mediação da leitura e da informação, pode contribuir no planejamento escolar e conseqüentemente, no trabalho realizado pelos professores. O acesso aos materiais disponíveis na biblioteca colabora com o desenvolvimento crítico, social e cultural dos indivíduos.

É necessário que o bibliotecário exerça papel mais decisivo na escola e busque exercer sua função educativa de maneira mais efetiva, desenvolvendo

atividades conjuntas com os professores, auxiliando-os em trabalhos dentro e fora da sala de aula, para que possam conquistar seu espaço na comunidade escolar.

Apesar do profissional bibliotecário ainda não ocupar plenamente o espaço da biblioteca escolar na grande maioria das escolas públicas e privadas, foi procurado bibliotecários que atualmente atuam nesse espaço para responder o questionário voltado a questões sobre a leitura na escola. Todos os 7 bibliotecários que participaram da pesquisa trabalham em escolas privadas, confirmando a quase inexistência desses profissionais na rede pública de ensino.

A primeira questão indagou se *a biblioteca é parte integrante do processo de incentivo à leitura na escola*, com afirmação positiva e unânime dos bibliotecários.

Semelhantemente, na questão 2: *Você considera a biblioteca importante para formar o leitor?* houve consenso na opinião de todos. Ao justificar suas respostas, os bibliotecários expressaram em suas próprias palavras sobre a importância da biblioteca. Cada depoimento reforça a necessidade da biblioteca como meio eficaz que contribui na formação de leitores críticos, pensantes e atuantes, dentro da sociedade.

A Biblioteca é uma ferramenta poderosa na formação de leitores, quando nela existe um profissional comprometido em incentivar o hábito da leitura. (BIBLIOTECÁRIO 3, 2019)

Por que não se aprende a nadar sem haver mar ou piscina. Assim é o leitor, que precisa da biblioteca como canal, ou seja, o meio no qual o leitor terá a disposição para a prática e gosto pela leitura. (BIBLIOTECÁRIO 6, 2019)

Ao perguntar sobre as atividades e práticas promovidas pela biblioteca para colaborar no estímulo à leitura na questão 3, foram citadas uma variedade de iniciativas, revelando a dinamicidade e criatividade nas estratégias desenvolvidas pelos bibliotecários. Entre as atividades mais citadas tivemos a contação de histórias, teatro, troca-troca, clubes de leitura e poesia. Estas práticas possuem caráter lúdico e fazem com que o aluno aprenda com prazer, alegria e entretenimento. Blattmann e Vianna (2016, p. 91) afirmam que a contação de histórias

[...] proporciona viagens ao leitor e ao ouvinte, merecendo destaque por ser uma das atividades mais aplicadas, mais conhecidas e discutidas, que amarra o lúdico e o literário, envolvendo todas as outras atividades praticadas com a intenção de proporcionar o gosto pela leitura.

Também foram nomeadas algumas atividades inusitadas como Carrinho da Biblioteca Circulante para divulgar as novas aquisições, Leitores Fluentes e

Escritores Competentes, Construção de história através da leitura visual e Leitor Nota 10. É importante que as atividades façam parte de um projeto de atividades e estejam inseridas no planejamento e realidade da escola.

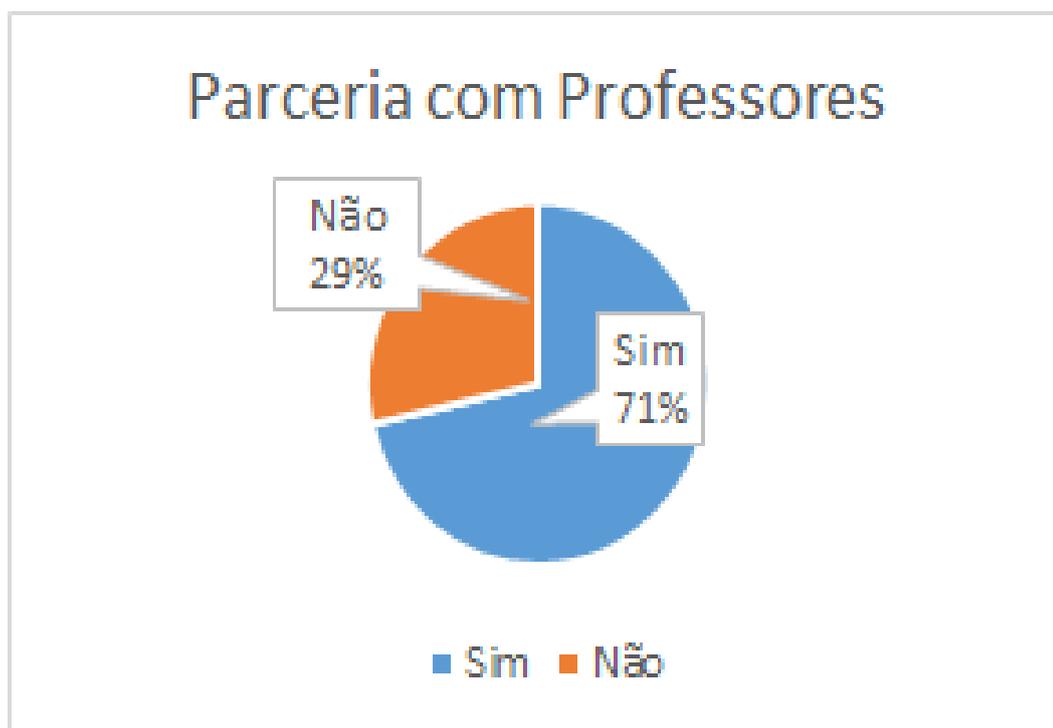
Os bibliotecários, em parceria com os professores, têm a missão de despertar no aluno o gosto pela leitura e fazer com que ele transforme essa atividade em uma prática dentro e fora do ambiente escolar. Esta relação deve ser pautada no diálogo e na complementaridade de ações. Cada um possui funções distintas de vital importância nas escolas, porém a interação dos bibliotecários e professores é imprescindível para promover e fortalecer ações que incentivem a leitura e obter sucesso na formação de leitores competentes.

Blattmann e Vianna (2016, p. 166) afirmam que,

[...] além de desempenhar suas funções “tradicionais”, [...] a interação entre professores e bibliotecários escolares deve existir e ser fortalecida para que se promovam ações de incentivo a leitura frequentemente, e em todas as disciplinas do currículo escolar, construindo assim um trabalho de sucesso relacionado a mediação de leitura e conseqüentemente a formação de leitores competentes.

Para proporcionar o aprendizado é preciso que cada um tenha consciência de suas dificuldades e trabalhe junto para superá-las, pois “se a escola é um espaço de formação de leitores, **todos** devem estar envolvidos nessa tarefa, para que se alcance o sucesso.” (BLATTMANN; VIANNA, 2016, p. 173 grifo nosso). A questão 4 indaga aos bibliotecários se existe uma parceria efetiva com os professores nos trabalhos realizados em sala de aula. Houve uma assertividade de 71%, enquanto os 29% restantes admitem não nutrir essa relação (Gráfico 18).

GRÁFICO 18 - PARCERIA DOS BIBLIOTECÁRIOS COM PROFESSORES

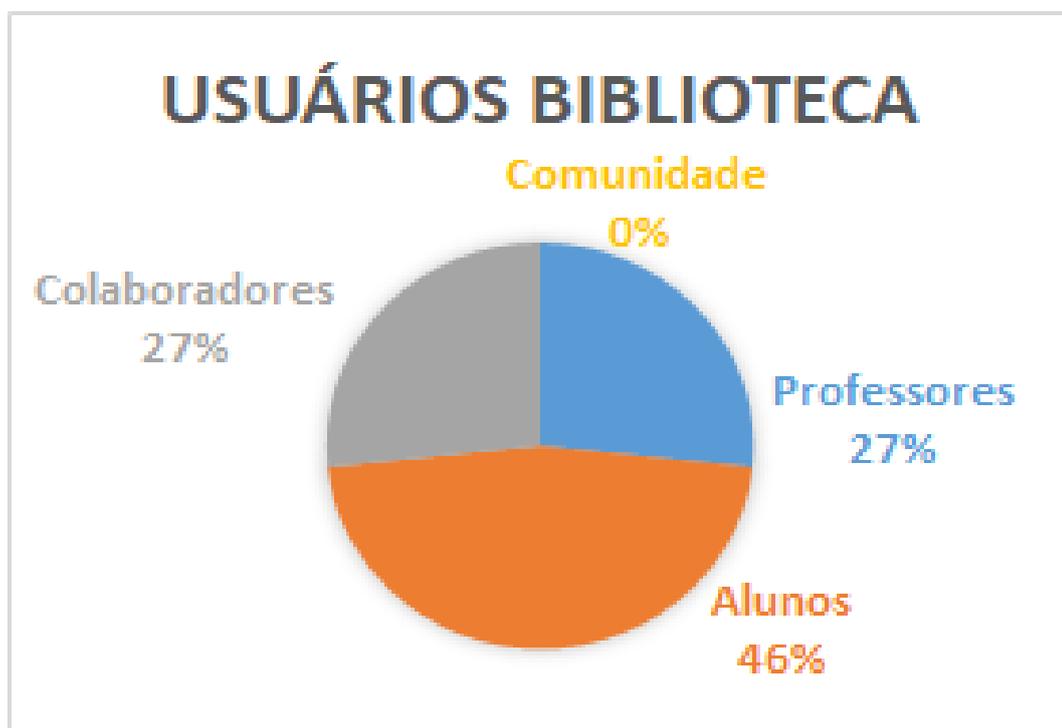


FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

A biblioteca escolar integra o espaço da escola e possibilita o contato com novos conhecimentos, tanto para os alunos como para os professores, demais colaboradores e comunidade. Ela se destaca como recurso essencial na escola, pois colabora com a aprendizagem oportunizando o contato com diversas fontes de informação. A questão 5 procurou identificar quais os usuários que mais utilizam a biblioteca escolar, considerando que o acervo possui uma diversidade de materiais com objetivo de atender as necessidades próprias de cada usuário.

Os alunos se destacaram como principal público a utilizar a biblioteca escolar com 46% (Gráfico 19). Os professores e demais colaboradores obtiveram 27% cada, que juntos totalizam 54%, ultrapassando o índice dos alunos e comprovando o uso pelos funcionários da escola. Infelizmente, a comunidade apresentou índice de uso da biblioteca de 0%, ratificando a necessidade de a biblioteca escolar promover ações que integrem a comunidade. Pois ao se apropriarem desse espaço, efetivam seu papel social que busca formar cidadãos capazes de pensar e transformar a realidade a sua volta.

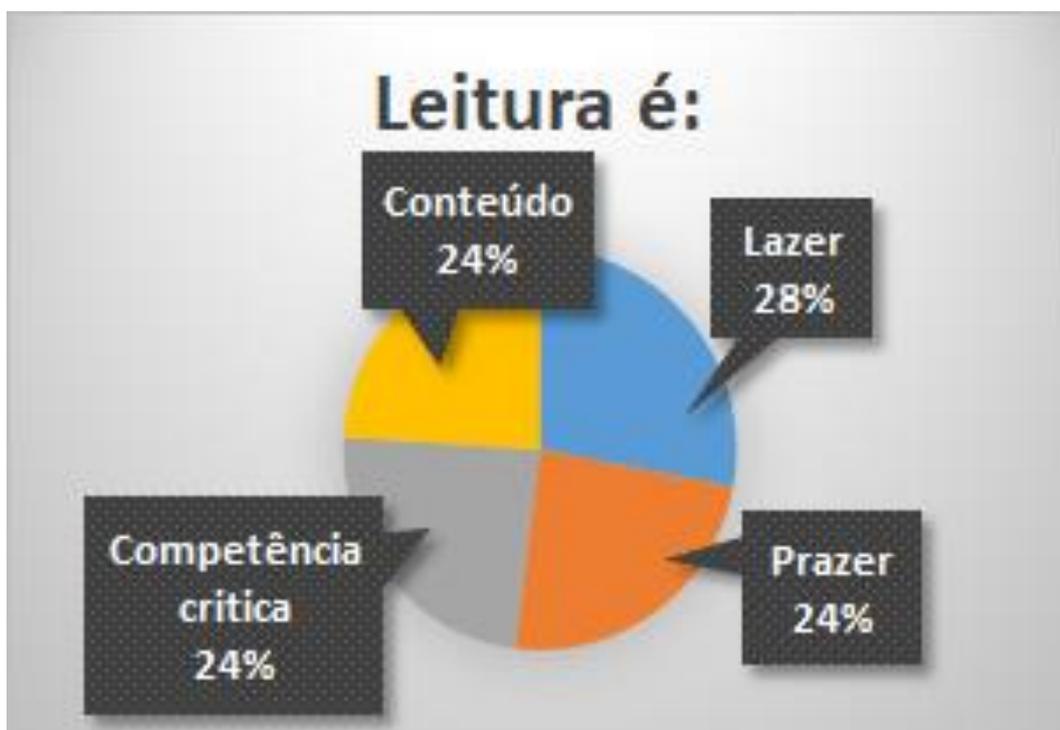
GRÁFICO 19 - USUÁRIOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

A leitura apresenta múltiplas funcionalidades que propiciam aos leitores inúmeros benefícios. Os bibliotecários apontaram quais formas de leitura acreditam ser relevantes. Curiosamente, na questão 6 o *lazer* sobressaiu das demais alternativas com 28% das respostas. Talvez por compreender que a base para todos os benefícios da leitura advém de uma prática que proporcione sensação de bem-estar. A *competência crítica*, *adquirir conteúdo* e o *prazer* alcançaram 24% cada, evidenciando equilíbrio nos diferentes aspectos produzidos pela leitura. Cada um possui um tempo e lugar determinado em conformidade com a necessidade do leitor, tendo seu valor intrínseco (Gráfico 20).

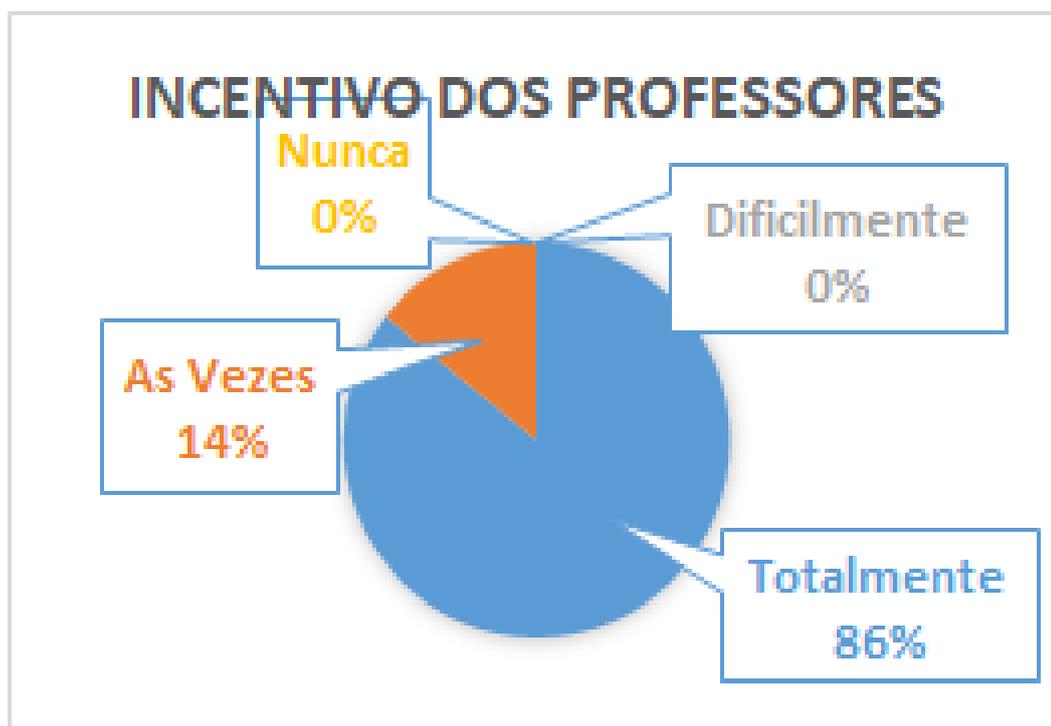
GRÁFICO 20 - COMO BIBLIOTECÁRIOS VEEM A LEITURA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Ao perguntar aos bibliotecários a respeito da frequência com que os professores incentivam os alunos a irem à biblioteca na questão 7, a grande maioria (86%) afirmou que *totalmente* e somente 14% disseram que incentivam *as vezes* (Gráfico 21). Quando o professor além de incentivar a leitura, dá o exemplo frequentando e utilizando o espaço, alugando livros e compartilhando suas leituras, reafirma aos alunos a importância da biblioteca escolar de forma concreta.

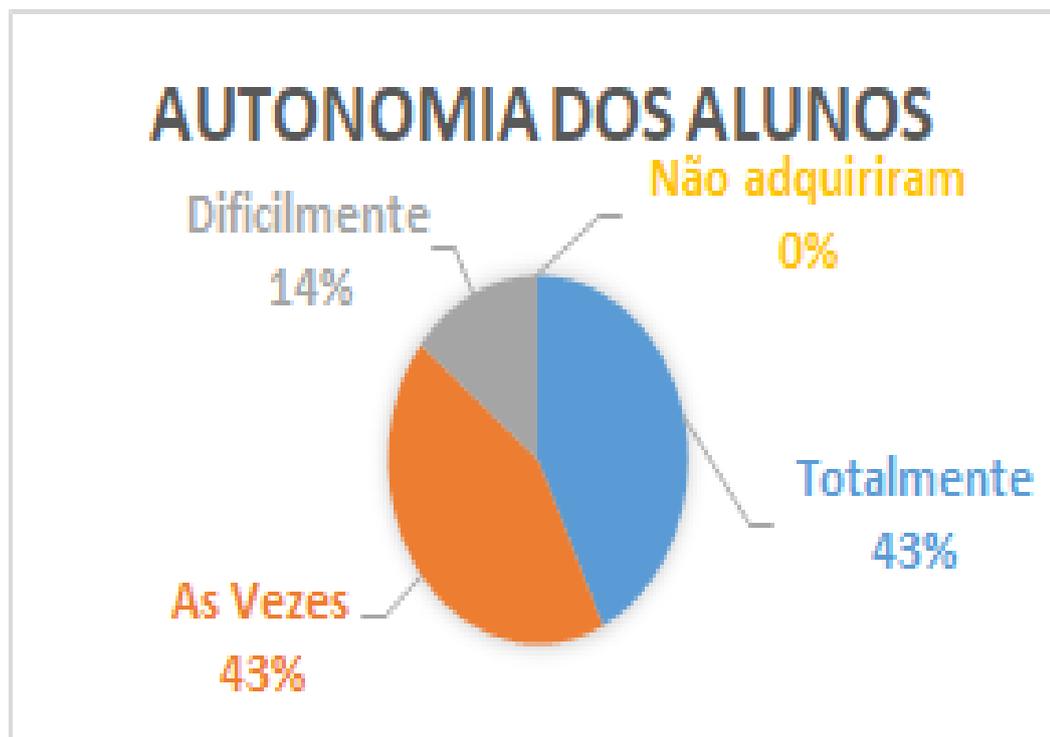
GRÁFICO 21 - INCENTIVO DOS PROFESSORES



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

Na questão 8, os bibliotecários foram indagados se existe autonomia do aluno nas suas escolhas literárias. Suas respostas indicaram que 43% acreditam que os alunos são *totalmente* autônomos, 43% somente às vezes e apenas 14% atribuem o nível de autonomia a *dificilmente* (Gráfico 22).

GRÁFICO 22 - AUTONOMIA DOS ALUNOS NA LEITURA



FONTE: Elaborado pela autora, 2019.

O profissional bibliotecário atuante precisa conduzir de forma política e educativa seu dia-a-dia na biblioteca, encontrando novas direções que reforcem e produzam condições concretas para um projeto de melhoria desta instituição. O seu entendimento das necessidades da comunidade escolar vai muito além de oferecer um ambiente atraente, acolhedor e acessível a todos, deve oportunizar a aprendizagem, a informação e o conhecimento.

Considerando seu papel de educador e mediador tem por objetivo estimular o desenvolvimento da competência no aluno para que possa ajustar-se aos desafios que venham a surgir no percurso escolar. Questionar-se, conhecer sua área de atuação, ter a satisfação do usuário como fim, lidar com informações que não são neutras e imparciais, colaborando para a formação do cidadão são atitudes que fazem do bibliotecário escolar um importante agente de transformação social. (ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 53-54)

7 CONCLUSÃO

É importante que os alunos se apropriem da leitura como meio de lazer, mecanismo destinado a fruição, além de ser fonte de conhecimento e porta para o desenvolvimento de sua aprendizagem. Infelizmente, nem sempre as escolas brasileiras tratam a leitura desse modo. Esse se torna um dos grandes desafios da escola, deixar de lado a leitura pragmática permeada por avaliações de compreensão e implementar uma leitura prazerosa que instigue o leitor a se apropriar da infinitude de possibilidades a seu dispor.

No que concerne aos objetivos específicos da pesquisa, trazemos aqui algumas reflexões inerentes aos resultados encontrados, a partir do que foi proposto. A partir do estudo empírico, identificamos que a maioria das atividades e práticas de leitura ainda são realizadas predominantemente na sala de aula pelos professores. Outro ponto importante constatado foi que as escolas em que atuam bibliotecários há maior variedade de iniciativas de mediação de leitura, revelando a dinamicidade da biblioteca escolar na formação de leitores e a contribuição desse profissional para o uso da biblioteca. Foi verificado que ainda é pequena a colaboração conjunta entre a biblioteca escolar e as práticas docentes, reflexo provável da falta de bibliotecários atuando nesses espaços. Observou-se que os alunos enxergam a leitura na escola como forma de adquirir conteúdo, enquanto os professores buscam o desenvolvimento da competência crítica, dissociando o prazer do texto literário como parte essencial desse processo.

Os capítulos 3 e 4 do referencial teórico colaboraram em comprovar a expressiva relevância da biblioteca escolar como centro de mediação entre a vida e a informação propiciando espaço de aprendizagem onde o aluno conquista voluntariamente o prazer de ler e aprende por deleite. Também reafirma o papel indispensável dos bibliotecários como agentes de democratização e de disseminação da informação para formar leitores autônomos e competentes.

A partir da continuidade e consistência de ações de leitura, desde os anos iniciais da escolaridade, é que se poderá assegurar que o aluno seja leitor e, desse modo, possa aprofundar suas leituras, cotejar textos mais complexos e ampliar sua compreensão leitora, aprender mais. As práticas de incentivo à leitura devem alcançar também os adolescentes dos anos finais do ensino fundamental para que não deixem de ler à medida que avancem no percurso escolar.

Formar um leitor ainda na infância é contribuir para um adulto leitor, com facilidade para escrever e se comunicar em todos os segmentos da vida. Tanto o professor quanto o bibliotecário podem contribuir para esse processo de ensino-aprendizagem. Sendo as bibliotecas escolares espaços de complementação, é cada vez mais nítida a necessidade dessa parceria entre professores e bibliotecários em prol do desenvolvimento dos conteúdos escolares.

A Biblioteca escolar, acima de tudo, deve ser um lugar libertador e de autonomia, pois a leitura permite a evolução do aluno de forma que cada um desenvolva sua criticidade e participe de forma ativa na construção da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 43-54. (Coleção Palavra-Chave, v.17).
- _____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan/dez. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007770/2f1848d5806cfd8152990d81bf835d79/>. Acesso em: 29 out. 2019.
- ALVES, Rosemari Pereira dos Santos; SILVA, Rovilson José da. Vlogs e o incentivo à formação de leitores. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 6, n. 1, p. 43-63, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/132613>. Acesso em 27 de maio 2019.
- ANDRADE, Mariza; DE OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. **Investigação sobre a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II**. 2011. 40 p. Trabalho de conclusão de Curso (Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.
- ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. Espaços e ambiências para mediação da leitura. In: **Curso de Extensão Formação de Mediadores da Leitura**. Módulo 10. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, p.146-159.
- AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: A. Paiva, A. Martins, G. Paulino & Z. Versiani.(Eds.), **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces-o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 4.
- BARCELLOS, Glória Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto, 1995. p.11
- BARRETO, Damaris de Queiroz. **A leitura literária no contexto da Universidade Federal do Ceará: o que pensam os alunos do curso de Biblioteconomia**. 2016. 59 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) -Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, CE, 2016. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000039/00003918.pdf&qt>. Acesso em: 28 out. 2018.
- BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p. 117-131.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Hucitec, 2002, p. 132.
- BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013.

BLATTMANN, Ursula; VIANNA, William Barbosa (org.) **Inovação em Escolas com Bibliotecas**. - Florianópolis: dois por quatro, 2016. 283 p.

BORTOLIN, Sueli; NETO, João Arlindo dos Santos; SILVA, Rovilson José da. (org.) **Mediação Oral da informação e da leitura**. - Londrina: Abecin, 2015, p.33-55; 89-105.

BOTO, Karolinne de Santana Boto Santana; BRAZ, Márcia Ivo. Práticas de incentivo à leitura para o público adolescente: um estudo sobre os best-sellers infanto-juvenis. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 670-690, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/878>. Acesso em 15 set. 2018.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Livros paradidáticos: Criticidade, leitura, experiências**. 3°. Ed. São Paulo: Scipione, 1995. p. 14.

BRASIL. **Lei n.º 12.244**: Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília: Congresso Nacional, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.html. Acesso em: 21 maio 2019.

_____. Base Nacional Comum Curricular – BNCC - 2ª versão. Brasília: Ministério de Educação, 2016, 470 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 28 out. 2019.

CAMPELLO, Bernadete. A competência informacional na educação para o século XXI. In: **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autentica, 2002, 2 ed., p. 9-11.

_____. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília: v. 32, n. 3, p. 28-37, Dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 Out. 2019.

_____. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. (Org.), **Biblioteca escolar e práticas educativas: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 21-23.

CASTRO, Kleiciane Silva de Souza Nogueira de. **O bibliotecário como educador no contexto da biblioteca escolar**. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia). Belém: UFPA, 2018. 38f

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Formação do Leitor. In: **Curso de Extensão Formação de Mediadores da Leitura**. Módulo 1. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, p.1-15.

CELEDONIO, Priscila e GRADELA, Alilian. A Biblioteca e a Formação de Leitores. In: **Curso de Extensão Formação de Mediadores da Leitura**. Módulo 9. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, p. 130-143.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna Mundó. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 31-32.

CONDE, Lucia. A Escolarização da leitura literária. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 23, n. 24, p. 105-118, 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542015000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2019.

CÔRTE, Adelaide Ramos e BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Ed. Briquet de Lemos, 2011, p.9.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014, p.17

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA. **Resolução CFB N. 199/2018**. Dispõe sobre os parâmetros a serem adotados para a estruturação e o funcionamento das Bibliotecas Escolares. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/1313>. Acesso em: 21 maio 2019.

D'AVILA, Fernanda e FACHIN, Gleisy R.B. O Lúdico Literário nas Bibliotecas Escolares. In: **Inovação em Escolas com Bibliotecas**. Florianópolis: Dois por quatro, 2016, p. 83-97.

DELORS, Jacques, et al. **Educação**: um tesouro a descobrir– Relatório da Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996). Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: Unesco, 2010, p. 31

EDUCA MAIS BRASIL. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/etapa-de-formacao-e-series/ensino-fundamental-ii/6-ano-ensino-fundamental-ii> Acesso em: 10 out. 2019.

ESTANTE MÁGICA. 2019 Disponível em: <https://estantemagica.com.br/>. Acesso em: 21 maio 2019.

FREITAS, Maria Tereza Assunção. No discurso de adolescentes, as práticas de leitura e escrita na escola. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza. (Orgs.) **A Experiência da Leitura**. São Paulo: Loyola, 2003, p. 23-40.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª edição. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989, p. 9.

GATTI, Bernadete A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**. v.50 2013, p. 51-67. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1550/155029382004.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 104.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014, p. 27-28; 100-108; 121-128.

IFLA. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares**. 2002, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/school.../school-library-guidelines-pt_br.pdf. Acesso em: 15.05.2017.

IFLA. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Maria José Vitorino. IFLA, 2005. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

INDIE LIBRARY. Disponível em: http://indielibrary.blogspot.com/2012/10/speed-booking_23.html. Acesso em 21 maio 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2018**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/julio/Documents/Mono%20I/TEXTOS/censo_educacao_basica_2018.pdf. Acesso em 30 jan. 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso: em 15 nov. 2019.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002, p. 17-24

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14.

LUNA, Rossana Paulino de; BRANCO, Sinara de Oliveira. O vlog como gênero textual aplicado a questões de ensino de Literatura. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 42 - 56, out. 2013. ISSN 2317-2347. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/142>. Acesso em: 15 nov. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v2i1.142>.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Elizandra; BORTOLIN, Sueli. O bibliotecário escolar “afinando” o foco na leitura. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 33-42. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

MARTINS, Elizandra. O espaço de mediação da leitura na biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 55-63. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

MARTINS, Leoneide Maria Brito. O profissional da informação e o processo de mediação. In: CASTRO, C.A. (Org.). **Ciência da Informação Biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luís: EDUFMA; EDUFAMA, 2002, p. 143-160.

MARTINS, Lilian. A Leitura Literária. In: **Curso de Extensão Formação de Mediadores da Leitura**. Módulo 3. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, p. 34-47.

MINAYO, M. C.S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, M.C.S. (org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11.ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999. p 23.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004, p. 102.

MORO, Eliane Lourdes da Silva, et al. Bibliotecas Escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. In: **Biblioteca escolar: presente!** Porto Alegre: Evangraf, 2011, p. 13-70.

NOGUEIRA, Carine Rodrigues; SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Dos caminhos e descaminhos da biblioteca escolar: reflexões e perspectivas de atuação no âmbito da mediação da leitura e formação de leitores. **Folha de Rosto**, v. 2, p. 22-30, 2016. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/a/23166>. Acesso em: 15 set. 2018.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia Aparecida; LIMONGI, Suelly Cecília Olivan. **Avaliação psicopedagógica do adolescente**. 1998, p. 227.

PEREIRA, Andréa Kluge. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 21-22.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 160.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PITZ, Juliana; SOUZA, Vanessa Aline Schweitzer; BOSO, Augiza Karla. O papel do bibliotecário escolar na formação do leitor. **Revista ACB**, 2011, v. 16, n. 2, p. 405-418.

POSSENTI, Sírio. Existe uma leitura errada? **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte/MG, v. 7, n. 40, p. 5-18, jul./ago. 2001.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2009, 179 p.

SANTAELLA, Lucia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**, 2014, p. 27-44.

SILVA, Keina Maria Guedes; LENDENGUE, Maria do Livramento de C. Bibliotecário na formação de leitores em potencial. **Biblionline**, 2010, n.esp., p. 92-98.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

_____. Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. **Informação & Informação**, 2015, v. 20, n. 3, p. 487-506.

SILVA, Zila A. P. Moura e. **Educação continuada de professores**: uma exigência do século XXI. 1998, p. 113.

SOUSA, Laiana Ferreira de. Práticas Leitoras e Contação de Histórias. In: **Curso de Extensão Formação de Mediadores da Leitura**. Módulo 8. Fundação Demócrito Rocha, 2019, p. 114-127.

SOUSA, Luana. A Leitura no Ciberespaço e a Cultura Virtual. In: **Curso de Extensão Formação de Mediadores da Leitura**. Módulo 12. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, p. 178-191.

THIESEN, Juarez da Silva. Prefácio. In: BLATTMANN, Ursula; VIANNA, William Barbosa (orgs.) **Inovação em Escolas com Bibliotecas**. Florianópolis: Dois por quatro, 2016, p. 13-17.

VERSIANI, Daniela Beccaccia; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2012. 168 p.

ZILBERMAN, Regina. Formação do leitor na história da leitura. **Aprendizado da leitura**: ciências e literatura no fio da história. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-29, 2002.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; DOS SANTOS, Salete Rosa Pezzi; WAGNER, Tânia Maria Cemin. Leitura do texto literário: prazer e aquisição de conhecimentos. **Perspectiva**, v. 25, n. 2, p. 387-401, 2007.

APÊNDICE I**PESQUISA DESENVOLVIDA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA****Por uma Leitura Literária crítica, prazerosa e autônoma na Biblioteca Escolar**

Escola: _____

Ensino: () Público () Privado

Nível: () Fund. I () Fund. II () Ensino Médio

1. Sua escola tem Biblioteca? () Sim () Não

2. Você costuma frequentar a Biblioteca da escola?

() Sempre () Às vezes () Nunca

3. Você participa de atividade de leitura promovidas pela Biblioteca?

() Sim () Não

Se sim, quais?

4. Você acha importante e necessária a Biblioteca na escola?

() Sim () Não

Porque? _____

5. Você considera a Biblioteca importante para formar o leitor?

() Sim () Não

Porque? _____

6. Você se considera livre para escolher suas leituras literárias?

() Totalmente () Às vezes () Dificilmente () Nunca

7. Você considera que a leitura é uma forma de:

() Lazer () Prazer () Desenvolver competência crítica

() Adquirir conteúdo () Outra _____

8. Seus professores incentivam a ida dos alunos à biblioteca na escola?

() Totalmente () Às vezes () Dificilmente () Nunca

**GARANTIMOS QUE OS DADOS SUPRACITADOS SERÃO DE USO EXCLUSIVO
DE CUNHO ACADÊMICO COM CARÁTER DE ANONIMATO.**

1.1 Aluno/2019

APÊNDICE II**PESQUISA DESENVOLVIDA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA****Por uma Leitura Literária crítica, prazerosa e autônoma na Biblioteca Escolar**

Escola: _____

Ensino: () Público () Privado

Nível: () Fund. I () Fino Médio

Formação: _____

1. Utiliza a Biblioteca nas atividades de leitura em sala de aula?

() Sim () Não

2. Você considera a Biblioteca importante para formar o leitor?

() Sim () Não

Porque? _____

3. Como são escolhidas as obras para leitura dos alunos?

_____4. Quais as práticas adotadas para estimular a leitura por prazer?

5. Você inclui e incentiva o uso da Biblioteca pelos alunos?

() Sim () Não

6. Você considera que há autonomia por parte do estudante na escolha literária?

() Totalmente () Às vezes () Dificilmente () Ainda não adquiriram autonomia

7. Você considera que a leitura é uma forma de:

() Lazer () Prazer () Desenvolver competência crítica

() Adquirir conteúdo () Outra _____

**GARANTIMOS QUE OS DADOS SUPRACITADOS SERÃO DE USO EXCLUSIVO
DE CUNHO ACADÊMICO COM CARÁTER DE ANONIMATO.**

APÊNDICE III

PESQUISA DESENVOLVIDA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

Por uma Leitura Literária crítica, prazerosa e autônoma na Biblioteca Escolar

Escola: _____

Ensino: () Público () Privado

Nível: () Fund. I () Fund. II () Ensino Médio

Formação: _____

1. A Biblioteca é parte integrante do processo de incentivo à leitura na escola?

() Sim () Não

2. Você considera a Biblioteca importante para formar o leitor?

() Sim () Não

Porque? _____

3. Que atividades a Biblioteca promove para colaborar no estímulo à leitura?

4. Existe parceria com os professores no trabalho realizado na sala de aula?

() Sim () Não

5. Qual público mais utiliza a Biblioteca escolar?

() Professores () Alunos () Colaboradores () Comunidade

6. Você considera que a leitura é uma forma de:

() Lazer () Prazer () Desenvolver competência crítica

() Adquirir conteúdo () Outra _____

7. Os professores incentivam a ida dos alunos à biblioteca na escola?

() Totalmente () Às vezes () Dificilmente () Nunca

8. Você considera que há autonomia por parte do estudante na escolha literária?

() Totalmente () Às vezes () Dificilmente () Ainda não adquiriram autonomia

GARANTIMOS QUE OS DADOS SUPRACITADOS SERÃO DE USO EXCLUSIVO
DE CUNHO ACADÊMICO COM CARÁTER DE ANONIMATO.